

A relação humano-animal de companhia e o bem-estar
subjetivo: Um estudo correlacional

Raquel Reis dos Santos

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações,

Orientador:

Doutor Diniz Lopes, Professor Associado com Agregação,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Dezembro, 2021

Departamento da Psicologia Social e das Organizações

A relação humano-animal de companhia e o bem-estar
subjetivo: Um estudo correlacional

Raquel Reis dos Santos

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações,

Orientador:

Doutor Diniz Lopes, Professor Associado com Agregação,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Dezembro, 2021

Agradecimentos

Aproveitar este espaço para agradecer o apoio incondicional da minha família que nunca desistiu de mim, apesar de eu ter interrompido o mestrado. Os meus pais e os meus irmãos mostraram-me que nunca devemos desistir de atingir os nossos objetivos independentemente dos obstáculos que encontramos, e é uma lição que levo comigo para a vida. Aos meus pais e aos meus irmãos, um profundo agradecimento.

À Doutora Filipa Noronha, que esteve sempre presente nos momentos bons e menos bons, motivando-me a continuar e demonstrando o meu valor quando eu não o conseguia perceber. Foi, certamente, uma peça essencial para o fecho deste capítulo no meu percurso académico.

Ao Professor Diniz Lopes, que sempre acreditou nas minhas capacidades e demonstrou ter uma tolerância notável quando eu mais precisei, que me deu forças e me mostrou o caminho quando parecia desviar-me, um sincero obrigado.

Aos familiares e amigos que ajudaram na partilha do questionário, um muito obrigado. Sem essa ajuda, não teria conseguido tamanhos resultados.

Por fim, agradecer à instituição. O ISCTE-IUL sempre me acolheu lindamente e ensinou-me muitas coisas. Uma delas é que o saber não ocupa lugar e, por isso, tenciono continuar a acumulá-lo nesta área de investigação, nesta mesma instituição. Muito obrigada.

Resumo

Esta investigação visa compreender a relação entre variáveis alusivas à relação humano-animal de companhia e o bem-estar subjetivo humano. Para isso, o estudo seguiu uma metodologia quantitativa, no qual participaram 660 indivíduos que foram avaliados quanto à satisfação com as relações que têm com os seus animais de companhia, quanto ao seu bem-estar subjetivo e quanto à confiança que têm nos seus animais de companhia. Resultados mostram que os indivíduos sentem mais bem-estar quando estão satisfeitas com a relação com o seu animal de companhia, e uma das variáveis que explica isto é a confiança que sentem nos seus animais. Tal descoberta proporciona pistas acerca do papel de variáveis psicológicas como a confiança no animal de companhia, com repercussões ao nível do bem-estar do dono e possivelmente com implicações práticas por exemplo, nas intenções de abandono. Há ainda bastante caminho para desbravar neste campo de investigação, tendo em conta que a relação humano-animal de companhia aparenta ser uma fonte de ligações únicas e improváveis.

Palavras-chave: animal de estimação, relação humano-animal de companhia, bem-estar, satisfação com a relação, confiança

Códigos de Classificação da APA:

3000 Social Psychology

3300 Health & Mental Health Treatment & Prevention

Abstract

This investigation aims to understand the link between human-pet relationship parameters and human subjective well-being. In this regard, the study followed a quantitative method, in which 660 individuals participate and were evaluated in satisfaction with relationship with pets, subjective well-being and trust in pets. Results showed that individuals who are more satisfied with the relationship feel higher levels of well-being, and one of the explanatory mechanisms is the trust in pets. This achievements gives clues about the role of psychological variables such as trust in pets, with consequences for the owner well-being and possibly with practical implications, for instance, in relinquishment intentions. There still is a lot of work to do in this field, as the human-pet relationship seems to be a source of unique and unlikely connections.

Keywords: companion animal, owner-pet relationship, well-being, relationship satisfaction, trust

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	vii
Abstract	ix
Índice.....	xi
Índice de Figuras.....	xiii
Índice de Quadros	xiii
Glossário de Siglas	xv
Glossário de Símbolos.....	xv
Introdução.....	17
Capítulo 1 – Saúde e Bem-estar na Relação Humano-Animal de Estimação.....	19
Saúde e Bem-estar	19
<i>Pet ownership</i> e Bem-estar	20
<i>Associações Positivas entre a existência da Relação Humano-Animal de Companhia e o Bem-estar Humano</i>	21
<i>Associações Negativas entre a existência da Relação Humano-Animal de Companhia e o Bem-estar Humano</i>	22
<i>Associações Nulas entre a existência da Relação Humano-Animal de Companhia e o Bem-estar Humano</i>	22
<i>Efeito “pet”</i>	23
<i>Fase Pandémica</i>	23
Satisfação com a relação humano-animal de estimação.....	25
Confiança no animal de estimação.....	27
Capítulo 2 – O Presente Estudo	29
Capítulo 3 – Método	31
Desenho do estudo	31
Participantes.....	31
Medidas.....	33
<i>Confiança</i>	34
<i>Satisfação com a relação</i>	34
<i>Bem-estar subjetivo</i>	34
Flourishing Scale (FS).	34
Satisfaction with Life Scale (SWLS).	35

Procedimento	35
Capítulo 4 – Resultados	37
Análises Preliminares.....	37
<i>Confiança</i>	37
Análise Descritiva.	37
Análise da Validade do Construto e Consistência Interna.	38
<i>Satisfação com a relação</i>	38
Análise Descritiva.	38
Análise da Validade do Construto e Consistência Interna.	39
<i>Bem-estar subjetivo</i>	39
Análise Descritiva.	39
<i>Flourishing Scale (FS)</i>	39
<i>Satisfaction with Life Scale (SWLS)</i>	40
Análise da Validação de Construto e Consistência Interna.	41
<i>Análise de Correlações</i>	42
Análise do Modelo Final	43
Capítulo 5 – Discussão	47
Conclusão.....	51
Referências.....	53
Anexos	61
Anexo A – Questionário.....	61
Anexo B – Texto de divulgação do questionário.	87
Anexo C – IMS – Análise Fatorial.	88
Anexo D – Mediação da confiança na relação entre a satisfação e o bem-estar – saída do SPSS.	90

Índice de Figuras

Figura 2.1. Representação esquemática da Mediação – Proposta	29
Figura 4.1. Representação esquemática da Mediação – Resultados.....	43

Índice de Quadros

Quadro 3.1. Informações sociodemográficas.....	31
Quadro 3.2. Informações sobre contacto com animais de companhia	33
Quadro 4.1. Análise descritiva dos itens da escala da confiança	37
Quadro 4.2. Análise descritiva dos itens do fator da satisfação com a relação	38
Quadro 4.3. Análise descritiva dos itens da escala FS	40
Quadro 4.4. Análise descritiva dos itens da escala SWLS	41
Quadro 4.5. Tabela das Correlações	42

Glossário de Siglas

FS – Flourishing Scale

GTP – General Trust in Pets

H1 – Hipótese 1

H2 – Hipótese 2

IMS – Investment Model Scale

OMS – Organização Mundial de Saúde

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

SWLS – Satisfaction with Life Scale

TAA – Terapia Assistida por Animais

VIH – Vírus da Imunodeficiência Humana

Glossário de Símbolos

% - Percentagem

AS - Assimetria

C - Curtose

DP – Desvio-padrão

EP AS – Erro padrão da Assimetria

EP C – Erro padrão da Curtose

KMO – Medida de Keiser-Meyer-Olkin

M - Média

N/n – Número de participantes

ns. – Não significativo

p – significância

α – Alfa de Cronbach

B – Coeficiente de regressão

χ^2 – Teste de Esfericidade de Barlett (Qui-quadrado)

Introdução

Em agosto deste ano saiu uma notícia na comunicação social que dá conta de como os animais de estimação são benéficos nomeadamente para a saúde das pessoas, referindo que os animais facilitam a socialização, promovem vínculos saudáveis e reduzem a solidão (Visão Saúde, 2021). Outra notícia vai mais além, citando um estudo realizado em vários países que concluiu que ter um cão está associado a uma diminuição de 24% no risco de morte prematura por qualquer causa (Notícias ao Minuto, 2021). Estes são apenas dois exemplos mais recentes de atualidades que frisam a relevância de ter um animal de companhia, o “pet ownership”, para a saúde e o bem-estar dos humanos.

McConnell et al. (2011), além de terem demonstrado que as pessoas que têm animais de estimação experienciam um maior bem-estar do que as que não têm animais, num segundo estudo, tendo em conta que um melhor suporte social humano prediz um maior bem-estar, foram averiguar se há uma correspondência idêntica quando se trata de um suporte através de animais de estimação, i. e., se os donos beneficiam mais quando os seus animais de companhia são percebidos como preenchendo as necessidades de suporte social dos donos. Os autores não só confirmaram as suas hipóteses, como verificaram ainda que os benefícios dos animais de estimação eram independentes dos benefícios dos humanos para o preenchimento das necessidades sociais dos participantes, o que fornece suporte para a hipótese da complementaridade no que concerne ao papel dos animais de companhia no suporte social. Este estudo veio demonstrar a importância do papel dos animais de estimação para o preenchimento das necessidades sociais dos donos, complementando as suas redes sociais.

Importa descortinar, portanto, as variáveis implicadas na relação humano-animal de companhia que contribuem para explicar o aumento do bem-estar humano. Pretende-se, para isso, responder às questões “Há relação entre a satisfação com a relação que o dono tem com o(s) animal/ais de companhia e o seu bem-estar subjetivo?” e “Quais os mecanismos que explicam a associação entre a satisfação com a relação que o dono tem com o(s) animal/ais de companhia e o seu bem-estar subjetivo?”.

O bem-estar subjetivo corresponde às opiniões dos indivíduos acerca das suas percepções do seu bem-estar (Sfeatcu et al., 2014). Avaliar o bem-estar pode tornar-se interessante na medida em que a qualidade de vida das pessoas é bastante importante para elas e para os que as rodeiam. Quando as pessoas sentem bem-estar, elas têm maior qualidade de vida e as suas vidas contêm experiências mais positivas. Por outro lado,

avaliar a satisfação que os humanos têm fruto das relações com os seus animais de estimação é importante porque está demonstrado que as relações têm um papel essencial nas percepções de bem-estar, tendo a qualidade das mesmas sido reconhecida como um determinante do bem-estar (Cavanaugh et al., 2008) e, quando comprometida, poderá levar ao abandono do animal (Van Herwijnen et al., 2018).

A panóplia de estudos existentes sobre a relação humano-animal e o impacto que essa relação tem para a saúde e para o bem-estar dos humanos, leva-nos a perceber que fatores podem ajudar a explicar quando e porque é que os animais de companhia por vezes têm um papel benéfico na predição dessa saúde e bem-estar. Estamos a falar de condições e estádios de vida, assim como na natureza das relações humano-animal de estimação que aqui podem funcionar como potenciais moderadores (Amiot & Bastian, 2015). Dos possíveis fatores psicológicos explicativos, vamos estudar a confiança no animal de estimação. A propósito, Jacobetty et al. (2020) desenvolveram um estudo no qual a variável confiança no animal de estimação assume um papel moderador, concluindo que quanto mais os indivíduos têm atitudes menos responsáveis no que respeita ao abandono dos animais, mais eles tendem a assumir os seus animais como fardos e menos confiança têm neles.

Avaliar a confiança no animal de estimação no contexto deste modelo é uma novidade, pois ainda não é claro o impacto da confiança que o dono tem no seu animal de estimação no seu bem-estar subjetivo, podendo esta ser uma variável chave na explicação da relação entre a satisfação com a relação humano-animal de estimação e o bem-estar humano.

Capítulo 1 – Saúde e Bem-estar na Relação Humano-Animal de Estimação

Saúde e Bem-estar

De acordo com a Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS), estabelecida em 1946, saúde significa não apenas a ausência de doença, mas também o completo bem-estar físico, mental e social. Por sua vez, o bem-estar é um determinante da saúde, mas também o resultado dela (Organização Mundial da Saúde, 2012; Sfeatcu et al., 2014). Segundo La Placa et al. (2013) o bem-estar assenta, assim, numa estrutura composta pelas componentes subjetiva e objetiva.

O bem-estar, sob o ponto de vista subjetivo, corresponde às opiniões dos indivíduos acerca das suas percepções do seu bem-estar (Sfeatcu et al., 2014), acedendo às mesmas através de questões, por exemplo, sobre a satisfação com a vida (e.g., Kobau et al., 2010). O bem-estar subjetivo é um construto macro que abarca quatro núcleos centrais: individual, familiar, comunitário e social, tendo-se como um estado que é desejável atingir entre nós, humanos (La Placa et al, 2013). Os autores fazem referência a um modelo holístico no qual o bem-estar está construído de forma dinâmica pelos seus atores em interação entre circunstâncias, localidades, atividades e recursos psicológicos, incluindo relações interpessoais, sendo que os indivíduos alteram os seus comportamentos com referência aos quatro núcleos referidos anteriormente.

Segundo Sfeatcu et al. (2014), existe evidência que mostra que os indivíduos com valores mais elevados de bem-estar têm, também, um melhor estado de saúde, mas a relação causa-efeito desta associação ainda não foi estabelecida. Já Diener e Chan (2011) exploraram a relação entre o bem-estar subjetivo e a saúde através de sete tipos de estudos como, por exemplo, estudos nos quais as emoções são manipuladas experimentalmente e, posteriormente, são medidos os efeitos resultantes em variáveis fisiológicas que podem afetar a saúde. Os autores concluíram que um elevado bem-estar subjetivo (como a satisfação com a vida, ausência de emoções negativas, otimismo e emoções positivas) corresponde a uma melhor saúde e longevidade. No entanto, os autores ressaltam a problemática da causalidade entre tais fatores (Diener, & Chan, 2011).

Para Sfeatcu et al. (2014), a percepção subjetiva do bem-estar depende das circunstâncias presentes num determinado momento no tempo, pelo que se torna necessário aceder ao bem-estar através de medidas objetivas. Aceder ao bem-estar objetivo significa utilizar indicadores como as variáveis sociodemográficas (Sfeatcu et al., 2014). Uma meta-análise sobre a literatura em bem-estar de Eger e Maridal (2015) define bem-estar como sendo composto por dois conceitos subjacentes: satisfação com a vida e

felicidade, sendo que a primeira descreve uma experiência de julgamento cognitivo e a segunda uma experiência de estado emocional.

Um estudo cujo propósito era analisar as percepções sobre o conceito “bem-estar” através de entrevistas (Dooris et al., 2018), revelou que o bem-estar se trata de um fenómeno multidimensional e complexo, consensualmente “mais do que saúde” e “mais do que felicidade” e com uma noção de propósito e de prosperidade. Para Lamu e Olsen (2016), o bem-estar passa por realizar as próprias aspirações e aumentar os laços sociais, para além de se ter saúde e estabilidade financeira. Raz (2004) apresenta a sua visão sobre o papel do bem-estar na vida dos humanos, considerando que o bem-estar se materializa na busca pelo alcance de metas e relacionamentos com valor para o indivíduo.

Pet ownership e Bem-estar

Apesar de já existir evidência de que a diversidade de certas espécies está positivamente relacionada com a satisfação com a vida (Methorst et al., 2021), o presente estudo procura explorar a ligação entre a relação humano-animal de estimação e o bem-estar desse mesmo indivíduo. Amiot e Bastian (2015) chamam a atenção para o facto de os animais estarem presentes na vida dos humanos há milhares de anos e em inúmeros contextos, nomeadamente na alimentação, no vestuário, na arte, na testagem de produtos de utilização humana e no auxílio do estudo da medicina, fazendo parte da história de lendas e, de entre outras formas, enquanto animais de companhia. Herzog (2011) refere que nos Estados Unidos, dois terços das pessoas têm um animal doméstico, na maioria considerados pelos donos como membros da família e estando a família, na maior parte dos casos, profundamente vinculada ao animal. A questão que se coloca é a seguinte: Estará ou não estará a presença e o laço a um animal de estimação positivamente associado a um maior nível de bem-estar e saúde humana? É importante referir que a maioria da literatura tem assumido que as interações humano-animal de estimação se enquadram nas relações sociais humanas e, por isso, é razoável o uso de modelos da Psicologia para as investigar (Bonas et al., 2000).

O primeiro estudo que tentou relacionar o contacto com animais de companhia ao bem-estar humano foi um estudo de Friedmann et al. (1980), na qual participaram noventa e duas vítimas de ataque cardíaco, das quais 28% tinham animais de estimação há pelo menos um ano, comparativamente com um grupo de 6% que não tinha animais de estimação. Os autores chegaram à conclusão de que as vítimas que tinham os animais de estimação viveram por mais tempo. Este foi um estudo pioneiro que inspirou várias replicações que demonstraram, por exemplo, que o simples ato de acariciar o animal de estimação causava uma diminuição da tensão arterial e/ou da pulsação (e.g., Shiloh et al., 2003).

Alguns autores defendem que as relações humano-animal de estimação trazem benefícios ao nível do bem-estar e saúde dos humanos, especialmente quando estes não possuem uma fonte de afeto ou vinculação adequados, ou então quando experienciam dificuldades nos seus relacionamentos interpessoais (Amiot, & Bastian, 2015).

No universo dos estudos que correlacionam o ter um animal de estimação com o bem-estar e saúde humanos, entre 1990 e 2007 dois terços dos estudos publicados produziram resultados positivos, enquanto um terço não teve correlações ou, até mesmo, teve correlações contrárias entre a presença de animais de estimação e à saúde e bem-estar (Friedmann & Son, 2009). Este é um tema que iremos abordar mais à frente.

Associações Positivas entre a existência da Relação Humano-Animal de Companhia e o Bem-estar Humano

Entre os estudos que revelaram associações positivas, serve de exemplo um estudo com desenho experimental de Friedmann et al. (2007) que avaliou onze pessoas entre os 65 e os 94 anos durante uma tarefa stressante, em que na condição em que o animal de estimação estava presente a tensão arterial era mais baixa. Um outro estudo epidemiológico, com *design* longitudinal, de Headey et al. (2000), realizado a 10 757 participantes da Austrália e da Alemanha, concluiu que os donos de animais de estimação tiveram menos visitas médicas do que participantes semelhantes que não tinham animais de estimação. Odendall e Meintjes (2003) desenvolveram um estudo experimental na África do Sul, no qual analisaram os níveis de oxitocina, dopamina e endorfinas, concluindo aumentos das hormonas quando os humanos e os cães interagiam positivamente (e.g., quando gentilmente acariciavam o cão). Em comparação, estes aumentos eram mais modestos quando os participantes liam um livro. No Reino Unido, crianças entre os 8 e os 12 anos eram mais visitadas pelos seus amigos e familiares tendo um cão na família, do que aquelas que não tinham um cão, pelo menos durante um mês após a aquisição do animal de estimação (Paul & Serpell 1996). Um estudo experimental de Wells (2005) testou 100 alunos, dos quais alguns foram expostos a vídeos de animais e que, por conseguinte, revelaram respostas cardiovasculares menos elevadas ao stress. Para terminar, Zilcha-Mano et al. (2012) verificaram que quando o animal de estimação estava presente, os donos expressaram mais sentimentos de capacidade e de autoeficácia no alcance de objetivos pessoais comparados com aqueles que não tinham os animais presentes nem fisicamente nem na memória.

Associações Negativas entre a existência da Relação Humano-Animal de Companhia e o Bem-estar Humano

Contudo, existem também estudos que demonstram que, de alguma forma, ter um animal de companhia está negativamente associado com o bem-estar e a saúde do dono. Um exemplo disto é um estudo quase-experimental longitudinal de Parker et al. (2010), no qual participaram 424 pacientes, de entre os quais os donos de animais de estimação (22%) tiveram maior propensão para morrer ou para sofrer remissões um ano após terem sofrido de um ataque cardíaco do que os que não tinham animais de estimação (14%). Outros estudos que comprovam o sentido oposto da correlação entre as variáveis “ter animal de estimação” e “ter maior nível de bem-estar e saúde” foram estudos epidemiológicos realizados na Austrália (Parslow et al., 2005) e na Finlândia (Koivusilta, & Ojanlatva, 2006) que revelaram que, comparativamente com pessoas que não tinham animais de estimação, os donos sofriam mais de problemas psicológicos (e.g., ansiedade, depressão e ataques de pânico).

Associações Nulas entre a existência da Relação Humano-Animal de Companhia e o Bem-estar Humano

Um pequeno número de estudos revelou relações não significativas entre a presença de animais de estimação e a saúde e o bem-estar humano (Amiot & Bastian, 2015). Ainda, existem limites quanto ao efeito benéfico da substituição dos animais em relações sociais, quando estas são deficientes (Amiot, & Bastian, 2015). Barlow et al. (2012) já referia que uma alta vinculação aos animais de companhia se traduzia em altos níveis de dissociação. Uma forte vinculação aos animais de companhia pode também revelar-se prejudicial em condições de baixo suporte social. Foi o que Peacock et al. (2012) concluíram, ao analisar o nível de stress de donos de animais de estimação com elevado suporte social *versus* baixo suporte social, sendo o nível de stress mais elevado na condição de baixo suporte social.

Um estudo de Gilbey et al. (2007) intitulado “A longitudinal test of the belief that companion animal ownership can help reduce loneliness” aplicou um questionário para medir a solidão antes e seis meses após a aquisição de um animal de estimação a 35 dos 59 participantes que se tornaram donos e compararam as suas médias de solidão finais, concluindo que a aquisição do animal de companhia não gerou alterações significativas no sentimento de solidão dos participantes.

Não existem muitos mais estudos publicados que demonstram a não associação entre a presença de um animal de companhia e a saúde e bem-estar humano (e.g., Straatman et al., 1997; Simons et al., 2000), remetendo-nos ao assunto levantado anteriormente: nem

todos os estudos são publicados; as publicações tendem a ser daqueles estudos que demonstram resultados significativos (Amiot & Bastian, 2015). Estamos a falar do efeito “file drawer” que, segundo Herzog (2011), flagela muitas áreas de investigação e, no que respeita à literatura científica das relações humano-animal, não é exceção.

Efeito “pet”

Outro efeito referido na literatura no contexto das relações humano-animal de estimação é o efeito “pet” (Herzog, 2011). Chama-se efeito “pet” à ideia de que os animais de estimação podem melhorar a saúde humana, o bem-estar psicológico e a longevidade à partida, ideia alimentada pelos *media* que promovem livros com títulos como “The healing power of pets: harnessing the amazing ability of pets to make and keep people happy and healthy” (Becker, 2002; citado por Herzog, 2011), e pelos próprios donos que quando questionados sobre as vantagens de ter a presença dos seus animais de companhia, relatam que têm companhia, parceiros para brincar e a necessidade de gostar e de cuidar de outro ser. São, contudo, convicções pessoais que necessitam de ser submetidas aos mesmos *standards* científicos para constituir evidência. Herzog (2011) argumenta que, contrariamente ao que é reportado pelos *media*, uma análise à literatura indica que o efeito “pet” permanece uma hipótese não corroborada, mais do que um facto estabelecido.

Fase Pandémica

Já vimos que a presença de um animal de estimação na vida dos humanos está associada a um maior bem-estar e saúde, mas terá esta relação beneficiado com o período de confinamento provocado pela pandemia da COVID-19?

Em abril de 2020 surgiu uma notícia que relatava a forma como o isolamento social se tornava mais suportável na companhia de animais de estimação (Sic Notícias, 2020). Porque durante a fase de confinamento a maioria dos donos viu-se forçada a estreitar as suas ligações com os seus animais de companhia (e.g., Mayers, 2021), atualmente há estudos que apontam para a possibilidade de os animais terem tido um especial impacto na saúde e bem-estar dos donos neste período (e.g., Applebaum et al., 2020). Um estudo desenvolvido no Japão (Ikeuchi et al., 2021) comparou indivíduos entre os 65 e os 84 anos de uma área metropolitana isolados e não isolados socialmente, com ou sem experiência como donos de animais de companhia, e verificou que aqueles que estavam isolados socialmente e que não tinham experiência enquanto donos de cães tinham 1,22 vezes mais probabilidade de reportar uma saúde mental mais baixa do que os que estavam isolados

socialmente e que já tinham experiência passada ou presente como donos de cães. Kogan et al. (2021) analisaram uma amostra de 5061 inquiridos, nos Estados Unidos, e concluíram que os cães e gatos de estimação, durante o confinamento devido à pandemia, tiveram um papel fundamental no auxílio da diminuição da depressão, ansiedade, isolamento e solidão na maioria dos donos e ajudaram também no aumento da capacidade de manter um horário regular e no sentimento de propósito e significado, assim como em lidar com a incerteza. Outro estudo revelou que ter um cão neste período protegeu os donos de sentimentos de solidão o que, segundo uma análise qualitativa aos dados, poderá ser devido ao facto de os cães requererem uma rotina que oferece oportunidades ao dono de se cruzar com pessoas no exterior e de socializar (Olivia & Johnston, 2021). Carr et al. (2021) verificaram que os passeios com os cães atenuaram a relação entre as elevadas consequências do confinamento e as suas repercussões ao nível da solidão. Além disso, ter um cão durante a pandemia revelou ter múltiplos benefícios como a companhia (e.g., reduzindo sentimentos de isolamento e de solidão), propósito e motivação (e.g., motivo para se levantar e se vestir de manhã), tendo funcionado também como um foco positivo (e.g., sendo outro assunto além do vírus sobre o qual se pode falar) (Owczarczak-Garstecka et al., 2021).

Porém, existem estudos que contrariam os resultados positivos de ter um animal de estimação e o seu impacto na saúde e bem-estar do dono no período da pandemia da COVID-19. Phillipou et al. (2021) encontrou uma relação negativa entre ter um animal de estimação e a satisfação com a vida, argumentando que isso poderá ser devido às restrições singulares que se impuseram na época, restringindo a rotina regular dos passeios com os animais e, por isso, diminuindo a qualidade de vida dos donos. Uma investigação de Holland et al. (2021), ocorrida no Reino Unido, vem falar sobre um resultado negativo provindo do aumento da convivência entre os donos e os animais de companhia. Holland e os seus colegas concluíram que, pelo tempo passado em conjunto ter aumentado substancialmente, os animais de estimação quando são deixados sozinhos expressam agora comportamentos indesejáveis mais acentuados como é, no caso dos cães, o latir, o que gera preocupação aos donos. A mudança de comportamentos que pôde ser observada nos animais combinada com crise financeira e o desemprego sentidos pelas famílias podem ter sido motivos para a tomada de decisão de entregarem os seus animais a instituições, uma vez que essas famílias ficaram sem capacidade de os sustentar (Applebaum et al., 2020).

No entanto, importa também referir que durante este período a adoção de animais cresceu 32% em Portugal, segundo um estudo da Fixando (Tribuna, 2021). A direção de Novos Negócios da Fixando explica que o crescimento exponencial da procura do serviço de treino de cães reflete o facto de muitos indivíduos terem aproveitado o confinamento para

adotarem animais. Só em janeiro e fevereiro de 2021, o treino canino teve um crescimento de 82% relativamente ao ano anterior (Tribuna, 2021).

Satisfação com a relação humano-animal de estimação

As relações têm um papel importante nas percepções de bem-estar, sendo que a qualidade das relações mais profundas tem-se revelado um determinante do bem-estar (Cavanaugh et al., 2008). A satisfação que o dono tem com o seu animal de estimação está relacionada com a qualidade de vida de ambas as partes sendo que, quando comprometida, pode levar ao abandono do animal (Van Herwijnen et al., 2018). Alguns estudos têm revelado que o abandono dos animais está associado nomeadamente à falta de conhecimento (e.g., New Jr. et al., 2000), às expectativas irrealistas (e.g., Kidd et al., 1992) e às características físicas e comportamentais dos animais (e.g., Casey et al., 2009). Neste sentido, são alguns os estudos que analisam as características dos donos e dos animais de estimação para encontrarem correspondências e, assim, poderem dar a conhecer elos que facilitarão processos de adoção que, no limite, não se traduzam *a posteriori* em potenciais abandonos (Onodera et al., 2014).

Um estudo de Elvers e Lawriw (2019) verificou que os comportamentos dos gatos, percecionados pelos donos, mais afáveis e menos exigentes explicam metade da variação da satisfação com as relações, aumentando-a, assim, para o dobro. Outra investigação relativa às características dos gatos e ao impacto das mesmas na satisfação com a relação concluiu que gatos com um elevado nível de afabilidade e um baixo nível de neuroticismo estão correlacionados com uma elevada satisfação dos donos com a relação, comparado com gatos que revelaram ter um baixo nível de afabilidade e um alto nível de neuroticismo (Evans et al., 2019). O estudo também correlacionou características de personalidade dos donos com as características de personalidade dos gatos e concluiu que, quando existe um elevado nível de dominância ou um elevado nível de impulsividade por parte do dono e um elevado nível de afabilidade por parte do gato, então existe uma elevada satisfação com a relação.

Já foram, também, estabelecidos alguns traços em cães que estão significativamente associados à satisfação com a relação (Curb et al., 2013). Oitenta e oito donos de cães foram questionados acerca da satisfação com o seu cão e acerca da personalidade do mesmo e, por fim, foram feitas correspondências dando lugar a quatro dimensões: a tendência para partilhar as suas coisas; o gostar de correr no exterior; a probabilidade de ter comportamentos destrutivos e a capacidade de se dar com os outros. Os autores sugerem que fazer este tipo de correspondência poderá ser uma estratégia para prever a satisfação do dono com a relação.

Um estudo mais recente (Bouma et al., 2020) procurou analisar os processos de tomada de decisão antes da aquisição de um cão e a forma como esses têm impacto em problemas de comportamento do animal e na satisfação do dono com a relação na fase de experimentação. Para isso, 193 inquiridos responderam a um questionário seis meses antes de adquirirem um cão e seis e dezoito meses depois. Dos vários resultados obtidos, a confiança dos donos na sua capacidade de treinar e cuidar do animal (acedida antes da sua aquisição) está associada, nomeadamente, a uma maior satisfação com a relação. Os autores concluem, assim, que a qualidade da relação dono-cão de companhia parece em parte estar relacionada com a tomada de decisão antes da aquisição do cão, podendo estudos longitudinais desta natureza aumentar o conhecimento sobre estes processos.

Existe, ainda, um conjunto de estudos sobre a satisfação com a relação que se debruça sobre a relação desta variável com o bem-estar subjetivo humano. Um exemplo é uma investigação de Cavanaugh et al. (2008). Tal como o que acontece nas relações interpessoais, os autores esperam que a correspondência entre as personalidades do indivíduo e do seu cão de companhia tenham impacto em particular no sucesso da satisfação com a relação e no bem-estar do indivíduo, aproveitando os investigadores para verificar a relação entre a satisfação com o seu animal e o bem-estar subjetivo do indivíduo. A partir de uma amostra de 77 donos de cães, os autores concluíram que a satisfação que os donos têm com os seus cães está positivamente relacionada com o seu bem-estar subjetivo. Hawley e Cacioppo (2010) desenvolveram um estudo longitudinal em adultos dos 50 aos 68 anos e verificaram que a satisfação com o melhor amigo e com o grupo social mais importante dos participantes estava significativamente e positivamente relacionado com os indicadores do bem-estar, porém a satisfação com os seus animais de companhia não revelou tal correlação. Baket et al. (2016) também investigaram a relação entre a satisfação com a relação, mas com comportamentos que beneficiam as relações humano-animal de companhia e, em última análise, com o bem-estar do animal, confirmando associações positivas entre as variáveis.

Tanto Baker et al. (2016) como Cavanaugh et al. (2008) utilizaram o Modelo do Investimento (IMS; Rusbult et al., 1998) para medir a satisfação dos indivíduos com a relação com os seus animais de estimação. Baseado na Teoria da Interdependência, a psicóloga social Caryl Rusbult (1983) desenvolveu um sistema baseado num modelo de investimento e sugere que o mesmo é sustentado com base em quatro construtos – a satisfação com a relação, a qualidade percebida das alternativas à relação, o tamanho do investimento feito na relação e o nível do compromisso – preditores da probabilidade de persistência na relação (Rusbult et al., 1998). Segundo Rusbult et al. (1998), a satisfação com a relação é uma dimensão influenciada pela forma como o parceiro preenche as necessidades mais importantes do próprio, como sejam as necessidades intelectuais,

passionais e sexuais. Refere-se, portanto, à experiência de sentimentos positivos e de atração face ao parceiro e ao relacionamento (Rodrigues et al., 2011). Assim, de acordo com o IMS, quanto maior a satisfação com a relação, maior o nível de compromisso com a relação e, conseqüentemente, mais provável é a continuidade e a manutenção da relação (Rusbult et al., 1998; Rodrigues et al., 2011). A dimensão “satisfação com a relação” é aqui estudada relativamente ao bem-estar subjetivo, com origem no IMS.

Confiança no animal de estimação

Na tentativa de explicar porque é que por vezes se verificam associações positivas e outras vezes associações negativas ou nulas entre a existência da relação humano-animal de companhia e o bem-estar humano, autores sugerem a interveniência de mecanismos explicativos ou fatores moderadores da relação entre as variáveis descritas acima (e.g. Amiot et al., 2016). A confiança no animal de companhia assume no presente estudo um papel potencialmente explicativo da relação entre a satisfação que o indivíduo tem com a relação com o seu animal de companhia e o seu bem-estar subjetivo. A confiança desempenha um papel vital na sociedade, a qual depende da confiança onde interesses e benefícios mútuos são geridos (Iqbal et al., 2019).

Olhando para a origem das relações humano-animal de estimação, ao contrário do que acontece na vida selvagem, no contexto da agricultura e nas comunidades pastoris teve lugar o concebimento da domesticação de determinadas espécies, estreitando-se relações cuja proximidade entre os humanos e os animais domésticos dependia largamente da confiança: os humanos confiavam em que os animais fossem dóceis e cooperantes, enquanto os animais confiavam em que os humanos os protegessem e os alimentassem (Armstrong Oma, 2010). A autora refere que os animais domésticos transferem a confiança e a submissão que, no seu estado selvagem, transfeririam aos seus progenitores e, na fase adulta, aos líderes do seu grupo.

A confiança de um animal de companhia no seu dono consiste inicialmente num grau de familiaridade com o mesmo, evoluindo gradualmente para a procura de proteção e de adoção (Iqbal et al., 2019). Apesar de a confiança do animal de companhia no seu dono não ter barreiras, o amor incondicional do seu animal depende das respostas do seu dono (Bekoff, 2001). A confiança que o dono tem no seu animal de estimação parece ser mais complexa, tendo havido um estudo que a operacionalizou para efeitos de comparação com atitudes relacionadas com o abandono dos animais (Jacobetty et al., 2020). Os autores confirmaram que os donos com menores níveis de confiança nos seus animais têm menos sentimentos de responsabilidade para com o abandono dos mesmos. Contudo, o impacto da

confiança (que o dono tem no seu animal de estimação) no seu bem-estar subjetivo mantém-se oculto na comunidade científica, podendo esta ser uma variável chave na explicação da relação entre a satisfação com a relação humano-animal de estimação e o bem-estar subjetivo do dono.

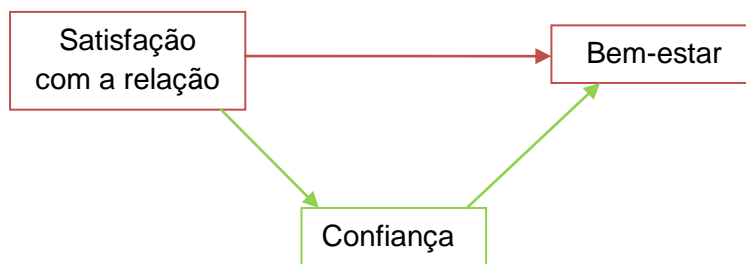
Capítulo 2 – O Presente Estudo

A satisfação com a relação que o dono tem com o(s) seu(s) cão/cães está correlacionado positivamente com o seu bem-estar subjetivo (Cavanaugh et al., 2008). O presente estudo, além de englobar todas as espécies de animais de companhia na sua análise, visa dar resposta à seguinte questão: por que motivo a satisfação com a relação se relaciona com o bem-estar subjetivo?

Pretendemos, desta forma, analisar a variável “confiança” enquanto mediadora da relação entre a satisfação com a relação que o dono tem com o(s) seu(s) animal/ais de companhia e o seu bem-estar subjetivo. Assim, a primeira hipótese (H1) a que procuraremos dar resposta é “Quanto maior for a satisfação com a relação que o dono tem com o(s) animal/ais de companhia, maior é o seu bem-estar subjetivo” e a segunda hipótese (H2) vem formulada da seguinte forma: “Uma maior confiança no(s) animal/ais de companhia explica a relação entre a satisfação com a relação que o dono tem com o(s) animal/ais e o seu bem-estar subjetivo”.

A inclusão de todas as espécies na análise do modelo e a mediação da variável “confiança” são as mais-valias da presente investigação. Na figura 2.1. encontra-se representado o modelo em análise.

Figura 2.1.



Modelo da satisfação com a relação com o animal de estimação como preditor do bem-estar subjetivo, mediado pelo nível de confiança no animal de estimação.

Capítulo 3 – Método

Desenho do estudo

Adotando uma abordagem empírica, o presente estudo segue uma metodologia quantitativa, sendo o mesmo de natureza transversal correlacional, i. e., de associação entre variáveis. O estudo ocorreu, por isso, em contexto natural, não tendo existido manipulações de variáveis.

Participantes

A amostra do presente estudo foi recolhida através dos processos de amostragem de conveniência e por arrastamento, sendo não probabilística e tendo como pré-requisitos os participantes serem maiores de 18 anos e não consistirem apenas de estudantes. Após uma seleção dos casos que chegaram ao final do questionário, foi encontrada a amostra final que contou com 660 participantes.

A variar entre os 18 e os 79 anos, as idades apresentam uma média de aproximadamente 44 anos ($DP=13,11$). Tal como podemos observar no quadro 3.1., a maioria dos participantes identificaram-se como sendo do sexo feminino (85,9%) e têm pelo menos licenciatura (60,8%). Cerca de metade dos participantes escolheram a opção “sem orientação política” (50,5%). Quanto à religião, a maior parte é católica, cristã não católica ou tem outra religião (65,7%). A maioria dos participantes recebe entre 581 e 1999 euros por mês (69,7%) e está numa relação romântica (61,6%). 64,1% dos participantes relataram viver num apartamento e 63,2% frequentam maioritariamente meios urbanos. Quanto ao tamanho do agregado familiar, existe uma divisão clara entre as duas pessoas (50,9%) e o intervalo de 3 a 5 pessoas (47,7%). Ainda, apenas 9,3% da amostra é constituída por estudantes e trabalhadores estudantes, enquanto 68,75% dos participantes relataram estar empregados temporariamente ou efetivamente, restando os desempregados, domésticos e reformados (22,1%).

Quadro 3.1. Informações sociodemográficas

Variáveis	n (% válida)	N total
Sexo		658
Feminino	565 (85,9)	
Masculino	91 (13,8)	
Outro	2 (0,3)	
Habilitações Literárias		658
≤ Ensino Secundário	245 (37,2)	

> Ensino Secundário	400 (60,8)	
Outro	13 (2,0)	
<i>Orientação Política</i>		658
Esquerda & Extrema-esquerda	158 (24,0)	
Centro & Direita	138 (25,5)	
Sem orientação política	332 (50,5)	
<i>Religião</i>		658
Religioso	432 (65,7)	
Sem religião	226 (34,3)	
<i>Rendimento Mensal (€)</i>		658
≤ 580	112 (17,0)	
581-1999	459 (69,7)	
2000-4999	79 (12)	
≥ 5000	8 (1,2)	
<i>Estado Civil</i>		657
Sem relação	252 (38,3)	
Numa relação	405 (61,6)	
<i>Tipo de Habitação</i>		658
	422 (64,1)	
Apartamento		
Moradia, quinta ou outro	263 (35,9)	
<i>Meio frequentado</i>		658
Maioritariamente urbano	416 (63,2)	
Maioritariamente rural	242 (36,8)	
<i>Agregado familiar (n)</i>		658
≤2	335 (50,9)	
3-5	314 (47,7)	
≥6	9 (1,5)	
<i>Situação Laboral</i>		657
Sem emprego	145 (22,1)	
Com emprego	451 (68,7)	
Estudante	61 (9,3)	

Seguindo para a interpretação do quadro 3.1., 97% dos participantes já teve animais de companhia e 86,8% tem algum animal neste momento. Tal pode ser devido ao facto de o questionário ter sido partilhado em grupos da rede social Facebook, destinados a pessoas relacionadas com animais de estimação. 65,3% dos inquiridos têm alguns amigos/familiares que têm animais de companhia e apenas 7,6% trabalha com animais. 88,4% dos participantes foram os próprios a decidir ter animais e 63,2% são os seus cuidadores principais, embora tenham ajuda. Por último, 96,2% dos participantes, numa escala de 1 a 6 em que 1 representa “Nunca” e 6 “Sempre” (restantes pontos da escala inferidos segundo o formato de escala de resposta de frequência Likert) nunca ou raramente encaram o seu

animal de estimação como sendo um peso ou um fardo, enquanto apenas 3 indivíduos sempre ou muito frequentemente os encaram como sendo um peso ou um fardo.

Quadro 3.2. Informações sobre contacto com animais de companhia

Variáveis	n (% válida)	N total
<i>“Já alguma vez teve animais de companhia?”</i>		658
Sim	638 (97)	
Não	20 (3)	
<i>“Os seus amigos/familiares têm animais de companhia?”</i>		658
Não, quase ninguém	19 (2,9)	
Sim, alguns	430 (65,3)	
Sim, quase todos	209 (31,8)	
<i>“Tem algum animal neste momento?”</i>		658
Sim	571 (86,8)	
Não	87 (13,2)	
<i>“Trabalha com animais?”</i>		658
Sim	50 (7,6)	
Não	608 (92,4)	
<i>“Quem decidiu ter animais?”</i>		569
Fui eu	503 (88,4)	
Foi um familiar	66 (11,6)	
<i>“É o cuidador principal deste animal?”</i>		569
Sim, sou eu sozinho/a	179 (31,5)	
Sim, mas tenho ajuda	359 (63,2)	
Não	32 (5,4)	
<i>“O seu animal é, para si, um peso ou um fardo?”</i>		569
Nunca ou raramente	547 (96,2)	
Frequentemente ou ocasionalmente	19 (3,4)	
Sempre ou muito frequentemente	3 (0,6)	

Medidas

O presente estudo enquadra-se numa investigação mais vasta, representando as medidas implicadas no modelo apenas parte do questionário. Passamos à designação destas medidas, às suas origens e adaptações e a exemplos de itens (para consulta da versão completa de cada instrumento ver anexo A, pp. 59).

Confiança

A escala da confiança utilizada no presente estudo teve origem numa investigação de Yamagishi e Yamagishi (1994), na qual os autores avaliam a confiança dos inquiridos relativamente a outros indivíduos. Jacobetty et al. (2020) são os primeiros investigadores a adaptar o questionário da confiança de Yamagishi e Yamagishi (1994) aos animais de companhia, formando assim o General Trust in Pets (GTP), com uma consistência interna considerada boa (Alfa de Cronbach: $\alpha=0.85$).

O GTP foi utilizado no presente estudo para averiguar o nível de confiança dos donos nos seus animais de companhia e incluiu seis itens (e.g., “Normalmente, os animais de companhia são sinceros.”; “Normalmente, os animais de companhia são dignos de confiança.”). A escala de resposta estava em formato Likert com os pontos 1 a 7, em que 1 correspondia a “Discordo totalmente” e 7 a “Concordo totalmente”.

Satisfação com a relação

Em 2016, o instrumento de Rusbult foi adaptado por Baker et al. Às relações entre humanos e animais de companhia, no qual podemos encontrar a escala da satisfação com a relação com uma consistência interna considerada boa ($\alpha=0.9$). Esta versão sofreu uma tradução da nossa autoria utilizada no presente estudo e contou com cinco itens (e.g., “Sinto-me satisfeito/a com o relacionamento com o meu animal de companhia.”; “O relacionamento com o meu animal de companhia é muito melhor do que os relacionamentos de outras pessoas com os seus animais de companhia.”). A escala de resposta estava em formato Likert com os pontos 1 a 7, em que 1 correspondia a “Discordo totalmente” e 7 a “Concordo totalmente”.

Bem-estar subjetivo

O bem-estar subjetivo, neste estudo, teve origem numa pontuação compósita calculada a partir de dois instrumentos: o Flourishing Scale (FS) de Diener et al. (2010) e o Satisfaction with Life Scale (SWLS) de Kobau et al. (2010).

Flourishing Scale (FS).

A Flourishing Scale (FS) utilizada no presente estudo foi desenvolvida por Diener e Biswas-Diener (2009). Esta versão resultou de uma tradução da nossa autoria. A FS foi utilizada no presente estudo para averiguar o nível de florescência dos indivíduos inquiridos e incluiu oito itens (e.g., “Levo uma vida com objetivos e significado.”; “Os meus relacionamentos sociais apoiam-me e recompensam-me.”). A escala de resposta estava em formato Likert com os pontos 1 a 7, em que 1 correspondia a “Discordo totalmente” e 7 a “Concordo totalmente”.

Satisfaction with Life Scale (SWLS).

A Satisfaction With Life Scale (SWLS) utilizada no presente estudo foi desenvolvida por Diener et al. (1985) e a versão adaptada no presente estudo foi resultado de uma tradução da autoria dos investigadores do presente estudo. A SWLS foi utilizada no presente estudo para averiguar o nível de satisfação com a vida dos indivíduos inquiridos e incluiu cinco itens (e.g., “A minha vida parece-se, em quase tudo, com o que eu desejaria que fosse.”; “As minhas condições de vida são muito boas.”). A escala de resposta estava em formato Likert com os pontos 1 a 7, em que 1 correspondia a “Discordo totalmente” e 7 a “Concordo totalmente”.

Procedimento

Os dados foram recolhidos através da aplicação de um questionário individual construído no programa Qualtrics Survey, tendo sido divulgado *online* através de um *link* pelos contactos pessoais e pelas redes sociais Facebook e Instagram (texto de divulgação presente em anexo B, pp. 85). O questionário de autopreenchimento *online* foi disponibilizado no dia 19 de maio de 2021 e a sua base de dados final foi extraída no dia 7 de julho do mesmo ano. No questionário os indivíduos puderam encontrar uma introdução em forma de apresentação ao projeto, informação sobre a duração média do questionário e consentimento informado, estando também consagrados o anonimato e a confidencialidade.

Como já referido, a presente investigação está em linha com um estudo mais alargado e, por isso, o questionário incluiu outras variáveis não estudadas aqui como, por exemplo, os restantes fatores do IMS (ver resultado da análise do IMS em fatores em anexo C, pp. 86). Assim sendo, para além de outras medidas, variáveis sociodemográficas (e.g., “Qual a sua idade?”; “Qual o tamanho do seu agregado familiar?”) e variáveis acerca do contacto com animais de companhia (e.g., “Que espécies de animais já teve?”; “É o cuidador principal deste animal?”) foram também inquiridas.

A base de dados foi tratada no programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS, versão 22). Depois de limpa a base de dados das respostas inválidas, foi feito o cálculo das estatísticas descritivas das variáveis em estudo. De seguida, procedeu-se às análises fatoriais e aos cálculos dos índices de consistência interna dos instrumentos utilizados no estudo. Foram posteriormente criados dois indicadores, a satisfação com a relação, resultante de um fator do instrumento IMS, e o bem-estar subjetivo, resultante das médias da FS e da SWSL. Finalmente foram correlacionadas numa matriz as variáveis do modelo em estudo (e calculados os coeficientes de Pearson) e foi testado o modelo de mediação com o recurso à extensão “PROCESS v3.5 by Andrew F. Hayes”¹ instalada para o SPSS.

¹ Descarregável via <http://processmacro.org/index.html>

Capítulo 4 – Resultados

Análises Preliminares

Confiança

Análise Descritiva.

Abaixo encontra-se o quadro 4.1. que contém a distribuição dos resultados dos participantes nos itens da escala da confiança. Em média ($M=6,38$, $DP=1,05$), os participantes concordam em como confiam nos seus animais de companhia. Quanto à assimetria, a distribuição revela-se com enviesamento negativo em todos os itens da escala, o que significa que há uma distribuição acentuada nos valores à direita, como aliás já pudemos constatar. Quanto à curtose, a distribuição é geralmente pontiaguda, a não ser no item “Normalmente, as outras pessoas confiam nos animais de companhia.”, na qual é achatada. Os valores de assimetria e curtose fazem-se acompanhar dos seus erros padrão, no quadro abaixo.

Quadro 4.1. Análise descritiva dos itens da escala da confiança

	Descritivas						
	N	M	DP	AS	EP AS	C	EP C
Normalmente, os animais de companhia são sinceros.	658	6,68	,882	-3,484	,095	13,687	,190
Normalmente, os animais de companhia são dignos de confiança.	658	6,57	,921	-2,744	,095	8,666	,190
Normalmente, os animais de companhia são bondosos e amáveis.	658	6,44	1,079	-2,456	,095	6,869	,190
Normalmente, as outras pessoas confiam nos animais de companhia.	658	5,45	1,495	-,680	,095	-,223	,190
Os animais de companhia podem confiar em mim.	658	6,75	,741	-4,263	,095	21,911	,190
Normalmente, os animais de companhia são amáveis quando as pessoas confiam neles.	658	6,36	1,181	-2,170	,095	4,706	,190

Notas: M = média; DP = desvio-padrão; AS = assimetria; EP AS = erro padrão da assimetria; C = curtose; EP C = erro padrão da curtose.

Análise da Validade do Construto e Consistência Interna.

No sentido de averiguar as qualidades psicométricas do instrumento em análise, procedeu-se a uma análise fatorial da escala da confiança da qual resultou apenas um fator que explica 57,79% da variância ($KMO=0,86$; $\chi^2_{(15)}=1682,11$; $p<0,001$), verificando-se a validade do construto. Quanto à consistência interna, o nível é considerado bom ($\alpha=0,82$).

Satisfação com a relação

Análise Descritiva.

Abaixo encontra-se o quadro 4.2. que contém a distribuição dos resultados dos participantes nos itens da escala da satisfação com a relação. Em média ($M=5,99$, $DP=1,3$), os participantes estão satisfeitos com a relação que possuem com os seus animais de companhia. Quanto à assimetria, a distribuição revela-se com enviesamento negativo em todos os itens da escala. Quanto à curtose, a distribuição é geralmente pontiaguda no primeiro, quarto e quinto itens e achatada no segundo e no terceiro. Os valores de assimetria e curtose fazem-se acompanhar dos seus erros padrão, no quadro abaixo.

Quadro 4.2. Análise descritiva dos itens do fator da satisfação com a relação

	Descritivas						
	N	M	DP	AS	EP AS	C	EP C
Sinto-me satisfeito/a com o relacionamento com o meu animal de companhia.	569	6,74	,747	-4,065	,102	20,024	,204
O relacionamento com o meu animal de companhia é muito melhor do que os relacionamentos de outras pessoas com os seus animais de companhia.	569	5,04	1,802	-,679	,102	-,377	,204
O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades de intimidade, companhia / companheirismo, etc..	569	5,34	1,824	-,931	,102	-,095	,204

O relacionamento com o meu animal de companhia está próximo do que eu considero ser ideal para mim.	569	6,12	1,307	-1,704	,102	2,704	,204
O relacionamento com o meu animal de companhia faz-me muito feliz.	569	6,69	,795	-3,305	,102	13,685	,204

Notas: M = média; DP = desvio-padrão; AS = assimetria; EP AS = erro padrão da assimetria; C = curtose; EP C = erro padrão da curtose.

Análise da Validade do Construto e Consistência Interna.

No sentido de averiguar as qualidades psicométricas da escala da satisfação com a relação, primeiro procedeu-se a uma análise fatorial do instrumento IMS, da qual resultaram cinco fatores. Apesar de no fator da satisfação com a relação estarem incluídos os itens previstos tal como o modelo do investimento o prediz (Rusbult et al., 1998) e, tendo em conta que o modelo contempla quatro dimensões, forçámos posteriormente uma análise fatorial a quatro fatores e o resultado encontra-se em anexo (C, pp.86).

Resta-nos abordar a qualidade da consistência interna do fator satisfação com a relação que, neste caso, é considerado satisfatório ($\alpha=0,67$).

Bem-estar subjetivo

Análise Descritiva.

Flourishing Scale (FS).

Abaixo encontra-se o quadro 4.3. que contém a distribuição dos resultados dos participantes nos itens da escala FS. Em média ($M=5,69$, $DP=1,34$), os participantes evidenciam que as suas vidas florescem. Quanto à assimetria, a distribuição revela-se com enviesamento negativo em todos os itens da escala, o que revela uma distribuição concentrada nos valores mais elevados da escala de resposta. Quanto à curtose, a distribuição é em todos os itens leptocúrtica, o que revela uma distribuição de forma pontiaguda. Os valores de assimetria e curtose fazem-se acompanhar dos seus erros padrão, no quadro abaixo.

Quadro 4.3. Análise descritiva dos itens da escala FS

	Descritivas						
	N	M	DP	AS	EP AS	C	EP C
Levo uma vida com objetivos e significado.	656	5,71	1,473	-1,282	,095	1,290	,191
Os meus relacionamentos sociais apoiam-me e recompensam-me.	654	5,12	1,590	-,749	,096	,053	,191
Estou envolvido e interessado nas minhas atividades diárias.	654	5,58	1,442	-1,001	,096	,577	,191
Contribuo ativamente para o bem-estar e a felicidade dos outros.	656	5,76	1,280	-1,047	,095	,889	,191
Sou capaz e competente nas atividades que são importantes para mim.	653	6,21	1,047	-1,649	,096	3,108	,191
Sou uma boa pessoa e levo uma boa vida.	656	5,90	1,146	-1,203	,095	1,699	,191
Sou otimista em relação ao meu futuro.	651	5,48	1,511	-1,027	,096	,559	,191
As pessoas respeitam-me.	650	5,72	1,244	-1,166	,096	1,403	,191

Notas: M = média; DP = desvio-padrão; AS = assimetria; EP AS = erro padrão da assimetria; C = curtose; EP C = erro padrão da curtose.

Satisfaction with Life Scale (SWLS).

Abaixo encontra-se o quadro 4.4. que contém a distribuição dos resultados dos participantes nos itens da escala SWLS. Em média (M=6,46, DP=1,97), os participantes concordam em como estão satisfeitos com as suas vidas. Quanto à assimetria, a distribuição revela-se com enviesamento negativo em todos os itens da escala, o que revela uma distribuição concentrada nos valores mais elevados da escala de resposta. Quanto à curtose, a distribuição é pontiaguda menos no último item da escala, no qual apresenta-se com distribuição achatada. Os valores de assimetria e curtose fazem-se acompanhar dos seus erros padrão, no quadro abaixo.

Quadro 4.4. Análise descritiva dos itens da escala SWLS

	Descritivas						
	N	M	DP	AS	EP AS	C	EP C
A minha vida parece-se, em quase tudo, com o que eu desejaria que fosse.	653	6,31	1,956	-1,163	,096	1,364	,191
As minhas condições de vida são muito boas.	651	6,59	1,811	-1,381	,096	2,407	,191
Estou satisfeito com a minha vida.	654	6,75	1,850	-1,299	,096	1,997	,191
Até agora, tenho conseguido as coisas importantes da vida tal como desejo.	653	6,82	1,807	-1,330	,096	2,244	,191
Se eu pudesse recomeçar a minha vida, não mudaria quase nada.	650	5,84	2,438	-,762	,096	-,303	,191

Notas: M = média; DP = desvio-padrão; AS = assimetria; EP AS = erro padrão da assimetria; C = curtose; EP C = erro padrão da curtose.

Análise da Validação de Construto e Consistência Interna.

As escalas FS e SWLS foram traduzidas pelos investigadores do presente estudo e, por isso, as qualidades psicométricas dos instrumentos são necessárias de apurar.

Quanto à FS, a validade do construto foi averiguada através de uma análise fatorial aos itens da escala e o resultado revelou apenas um fator que explica 58,78% da variância ($KMO=0,91$; $\chi^2_{(28)}=2628,96$; $p<0,001$). Quanto à fidelidade do instrumento, o alfa de Cronbach é considerado bom ($\alpha=0,89$).

Relativamente à SWLS, a análise fatorial demonstrou apenas um fator, tal como previsto, assegurando a sua validade ($KMO=0,88$; $\chi^2_{(10)}=2115,59$; $p<0,001$) e explicando uma variância de 72,84%. A consistência interna deste instrumento é, também, considerada excelente ($\alpha=0,9$).

Estão, portanto, reunidas as condições para a consideração destas medidas na análise do modelo em estudo.

Análise de Correlações

O quadro 4.5. sintetiza as correlações de Pearson e do tau de Kendall entre as variáveis que compõem o modelo em análise e algumas variáveis sociodemográficas que revelaram ter significância para as variáveis do modelo.

Quadro 4.5. Tabela das Correlações

		Satisfação com a relação	Confiança	Bem-estar
Satisfação com a relação	Pearson N			
Confiança	Pearson N	,454** 569		
Bem-estar	Pearson N	,116** 568	,181** 657	
Sexo	Tau de Kendall N	,088* 569	,128** 658	,043 657
Habilitações literárias	Tau de Kendall N	-,058 569	-,116** 658	,090** 657
Rendimento mensal	Tau de Kendall N	-,075* 569	-,072* 658	,192** 657
Meio em que habita	Tau de Kendall N	-,021 569	-,078* 658	,030 657

Notas: $p < 0,01^{**}$; $p < 0,05^{*}$.

Pela análise do quadro podemos, então, constatar que a satisfação está positivamente relacionada com o bem-estar subjetivo ($r=0,110$, $p < 0,01$), o que significa que à medida que o nível de satisfação com a relação que o dono tem com o(s) animal/ais de companhia aumenta, o seu bem-estar subjetivo também aumenta, embora a relação seja de impacto baixo (classificação do tamanho do efeito de acordo com Cohen, 1977). A satisfação com a relação está, também, positivamente relacionada com a confiança ($r=0,454$, $p < 0,01$), o que significa que à medida que o nível de satisfação com a relação aumenta, a confiança com o seu animal de companhia também aumenta, revelando ser um efeito de tamanho razoável. Ainda, temos a correlação entre o bem-estar subjetivo e a confiança com o valor de Pearson de $0,167$ ($p < 0,01$), o que significa que à medida que a confiança aumenta, o bem-estar subjetivo também aumenta, embora com um tamanho de efeito, também, reduzido.

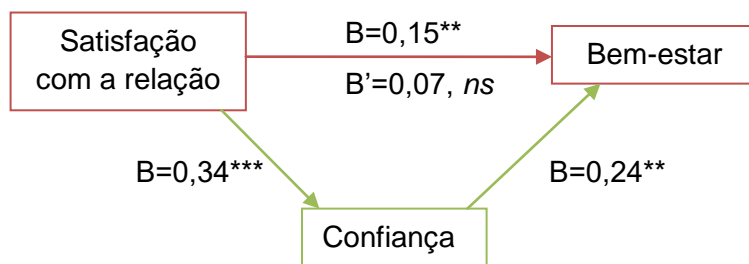
Quanto às variáveis sociodemográficas, o sexo apresenta uma correlação significativa com a satisfação com a relação, o que significa que há diferenças significativas nas respostas à escala da satisfação entre participantes do sexo masculino e participantes do sexo feminino ou outro (0,3% da amostra), sendo que os participantes do sexo feminino ou outro mostram-se tendencialmente mais satisfeitos com as suas relações com os seus animais de companhia ($t=0,088$, $p<0,05$). Também existem diferenças entre os sexos no que toca à medida da confiança ($t=0,128$, $p<0,01$), sendo que as mulheres da amostra ou participantes que se identificam com outro género revelam ter mais confiança nos seus animais de estimação. No que respeita às habilitações literárias, há também correlações significativas com algumas variáveis do modelo, nomeadamente com a confiança ($t=-0,116$, $p<0,01$) e com o bem-estar subjetivo ($t=0,090$, $p<0,01$), i.e., à medida que os participantes aumentam no seu grau de escolaridade, o nível de confiança nos seus animais tende a diminuir e o seu bem-estar subjetivo aumenta.

O rendimento mensal impactou em todas as variáveis do modelo. Temos que participantes com um rendimento mensal superior sentem-se tendencialmente menos satisfeitos com a relação que têm com os seus animais de estimação ($t=-0,075$, $p<0,05$). Tendem a confiar menos nos seus animais de estimação ($t=-0,072$, $p<0,05$) e estão sentem maior bem-estar ($t=0,192$, $p<0,01$). Por último, o meio em que o participante normalmente habita teve influência na confiança, sendo que quanto maior é a ruralidade do meio, menor é a confiança que os participantes têm nos seus animais de companhia ($t=-0,078$, $p<0,05$).

Análise do Modelo Final

Segue-se a interpretação dos valores dos coeficientes de regressão presentes na figura 4.1., representativa do modelo de análise de mediação.

Figura 4.1.



Notas:

1. *** $p<0,001$; ** $p<0,01$.
2. B': efeito direto.

3. B e B': valores não standardizados.
4. N=568.

Modelo da satisfação com a relação com o animal de estimação como preditor do bem-estar subjetivo, mediado pelo nível de confiança no animal de estimação.

O efeito total, ou a diferença estimada no nível do bem-estar subjetivo por unidade de medida de satisfação com a relação, independentemente do processo de mediação capturado pelo efeito indireto, é de 0,1505, i. e., quando a satisfação com a relação aumenta em uma unidade, há uma mudança positiva e significativa no nível de bem-estar subjetivo, em média, de 0,1505 unidades. O efeito total contém os efeitos direto e indireto, duas relações distintas entre a satisfação com a relação e o bem-estar subjetivo, mediante a influência ou não da confiança no animal de companhia. Por sua vez, o efeito indireto é composto pelo produto resultante do efeito da relação da satisfação com a relação na confiança, com o efeito da confiança no bem-estar subjetivo.

A diferença estimada no nível de confiança por unidade de medida de satisfação com a relação é de 0,3379, i. e., quando a satisfação com a relação aumenta em uma unidade, há uma mudança positiva e significativa no nível de confiança, em média, de 0,3379 unidades. A diferença estimada no nível de bem-estar subjetivo por unidade de medida de confiança é de 0,2372, i.e., quando a confiança aumenta em uma unidade, há uma variação positiva e significativa no nível de bem-estar subjetivo, em média, de 0,2372 unidades.

O efeito indireto ou o produto dos coeficientes de regressão descritos nos pontos 3 e 4 estabelece o efeito que mais importa na análise da mediação. A diferença estimada no bem-estar subjetivo atribuível ao aumento em uma unidade de medida da satisfação com a relação que opera através do efeito da satisfação na confiança e através do efeito da confiança no bem-estar subjetivo, é de 0,0801. O intervalo de confiança de 95% do método *bootstrapping* não inclui o zero (ver *output* completo do SPSS no anexo D, pp. 88) o que, segundo Igartua e Hayes (2021), constitui o critério que dá suporte estatístico para a confirmação de mediação.

O efeito direto ou a diferença estimada no nível de bem-estar subjetivo por unidade medida de satisfação com a relação, sem englobar o efeito causal da confiança, é de 0,0704, i.e., quando a satisfação com a relação aumenta em uma unidade, há uma mudança positiva não significativa no nível de bem-estar subjetivo, em média, de 0,0704 unidades.

O facto de o efeito da relação entre a satisfação e o bem-estar ter perdido a significância com a inclusão da confiança da equação, vem demonstrar o poder determinante da variável mediadora em estudo, i. e., o bem-estar subjetivo só é significativamente maior quando a satisfação com a relação aumenta se a confiança estiver presente na interação.

De acordo com os resultados obtidos e olhando para as hipóteses formuladas (ver quadro 4.6.), podemos assumir que as mesmas estão confirmadas na presente investigação, i.e., quanto maior for a satisfação com a relação que o dono tem com o(s) animal/ais de companhia, maior é o seu bem-estar subjetivo (H1) e uma maior confiança no(s) animal/ais de companhia leva a uma relação mais forte entre a satisfação com a relação que o dono tem com o(s) animal/ais e o seu bem-estar subjetivo (H2) sendo que o efeito da satisfação com a relação no nível do bem-estar subjetivo deixa de ser significativo com a saída da variável “confiança” do modelo, verificando-se a ocorrência de uma mediação completa.

Capítulo 5 – Discussão

No sentido de dar resposta à pergunta “Quais os mecanismos que podem explicar a satisfação com a relação enquanto preditora do bem-estar subjetivo?”, foi feita uma análise à variável “confiança” enquanto potencial mediadora. Fomos, então, analisar a variável “confiança” enquanto mediadora da relação entre a satisfação com a relação que o dono tem com o(s) seu(s) animal/ais de companhia e o seu bem-estar subjetivo. Os resultados confirmam, assim, que quanto maior é a satisfação com a relação que o dono tem com o(s) animal/ais de companhia, maior é o seu bem-estar subjetivo. Ainda, uma maior confiança no(s) animal/ais de companhia leva a uma relação mais forte entre a satisfação com a relação que o dono tem com o(s) animal/ais e o seu bem-estar subjetivo. Na verdade, a presença de confiança no animal de companhia revelou ser uma condição necessária para que haja uma relação entre as variáveis preditora e critério, a satisfação com a relação e o bem-estar subjetivo, verificando-se, desta forma, uma mediação completa, confirmando todas as hipóteses e acrescentando ainda à variável “confiança” a necessidade da sua presença para que o modelo funcione.

Cavanaugh et al. (2008) já tinham avaliado a relação entre a satisfação com a relação e o bem-estar subjetivo em donos de cães, utilizando para isso a escala de satisfação com a relação de Rusbult e uma versão da SWLS, respetivamente. Os resultados que os investigadores obtiveram foram ao encontro dos resultados obtidos no presente estudo, ou seja, a satisfação com as relações humano-animal de companhia contribuem significativamente para reportar bem-estar. O presente estudo olha para as relações além dono-cão e legitima-as para todos os animais de companhia.

Baker et al. (2016) aplicaram também o instrumento IMS (Rusbult, 1983) em contexto das relações humano-animal de companhia e foram analisar de que forma as várias dimensões do compromisso interferem em comportamentos pró-relação como o perdão e o alojamento, concluindo que uma maior satisfação e maior investimento na relação e, por sua vez, uma menor qualidade em alternativas podem beneficiar de comportamentos futuros do dono em relação ao animal de companhia benéficos para o bem-estar, nomeadamente, do animal, discutindo também as repercussões que essas dimensões da relação passam a ter em potenciais comportamentos de abandono dos animais de companhia.

Citando um artigo do Público (Lusa, 2021), em resultado a um inquérito a mais de 200 associações de animais, a Animalife concluiu que na época da pandemia houve uma taxa de abandono entre os 10% e os 20%, sendo as dificuldades económicas decorrentes da pandemia, nomeadamente situações de desemprego, a principal causa para justificar a ascensão do número de animais abandonados. A presente investigação não resolve as economias dos portugueses, mas poderá revelar pistas no que concerne a potenciais

condições para que haja um bem-estar quer do dono, quer consequentemente do animal de estimação, reduzindo possíveis intenções de abandono, apesar das condições económicas. Mais concretamente e de acordo com os novos dados desta investigação, quando a confiança no(s) animal/ais de companhia está presente, uma maior satisfação com a relação dono-animal/ais de companhia está associada a um maior nível de bem-estar subjetivo, o que significa que se os indivíduos fomentarem confiança nos seus animais, provavelmente a sua satisfação com a relação levará a um maior bem-estar e tal poderá proporcionar uma melhor qualidade de vida, também, ao próprio animal de companhia, atenuando a probabilidade de o mesmo ser abandonado. Em última análise, variáveis psicológicas como a confiança, para além de outros fatores relacionais como alimentar ou passear o animal de companhia, têm um papel importante para explicar a relação humano-animal de estimação e, por sua vez, o bem-estar subjetivo do dono.

Um aspeto da análise que limita a confiança nas conclusões do estudo é a imprecisão da medida IMS adaptada às relações humano-animal de estimação. Uma limitação existente em investigação anterior acerca da experiência subjetiva do compromisso, satisfação, alternativas e investimento captada pelo modelo de investimento (Rusbult, 1983), limitação que existe também na presente investigação, é a de que o modelo apenas prevê variações naturais no compromisso, os seus antecedentes e as suas consequências, não prevendo traços de personalidade pré-existentes que possam predispor o indivíduo a considerar a companhia do seu animal de estimação e a simultaneamente percecionar algumas alternativas (Baker et al., 2016). É necessário, por isso, que o IMS seja ajustado de outra forma quando se trata das relações dono-animal/ais de companhia.

Diener et al. (1991) publicaram um artigo intitulado “Response artifacts in the measurement of subjective wellbeing”, no qual investigaram o grau em que artefactos como a desejabilidade social, o humor momentâneo, as crenças morais acerca da felicidade e a manutenção da imagem “feliz” influenciam as respostas dadas às escalas do bem-estar subjetivo. Os autores defendem que o bem-estar subjetivo parece estar intuitivamente e em alguns casos empiricamente suscetível a estas fontes de erro e, que, o bem-estar está altamente contaminado por estes artefactos. Os artefactos não só podem estar associados a erro aleatório dos resultados, mas mais ainda este erro pode ser considerado uma fonte de natureza sistemática e, portanto, os resultados do bem-estar subjetivo podem ser espúrios. Por exemplo, uma pessoa utilizando uma resposta estilo desejabilidade social pode reportar um elevado nível de bem-estar subjetivo, não por ser o seu estado verdadeiro, mas porque a pessoa acredita que é desejável socialmente ter um elevado bem-estar (Diener et al., 1991). A questão da sistematicidade do viés provocado pela desejabilidade social faz os investigadores encararem-na como uma característica de personalidade (e.g., McCrae & Costa, 1983), ao contrário de um erro aleatório ou de um artefacto e, este traço prediz

significativamente níveis elevados de bem-estar subjetivo. O humor momentâneo, por sua vez, contribui como preditor de medidas de bem-estar subjetivo mas só por vezes, e não de forma sistemática, o que aponta para a necessidade de controlar este efeito a fim de perceber o seu impacto na avaliação do bem-estar (Diener et al., 1991). Estes artefactos podem constituir limitações à presente investigação, uma vez que podem representar fontes de enviesamento nos resultados das escalas FS e SWLS, utilizadas para analisar o bem-estar subjetivo dos participantes.

De referir que para a recolha de dados procurou-se obter uma amostra que fosse representativa do público de interesse para esta investigação, i.e., pessoas com contacto regular com animais de companhia e, para isso, a mesma foi obtida através dos processos de amostragem não probabilísticos de conveniência e por arrastamento. Dos 658 inquiridos, 86,5% responderam “Sim” à pergunta “Tem algum animal neste momento?”, correspondendo a uma amostra que contém imensos e variados exemplos de relações humano-animal/ais de companhia. Desta forma, podemos considerar que a amostra da presente investigação é representativa do público-alvo que a mesma pretende reproduzir, sendo os resultados espontaneamente extrapoláveis para a população alvo.

Outra valência do presente estudo é a análise da relação entre variáveis dono e animais de companhia e o bem-estar subjetivo do dono abarcando todas as espécies de animais, ao passo que algumas investigações anteriores debruçam-se tendencialmente sobre espécies específicas, nomeadamente sobre cães e gatos (e.g., Kogan et al., 2021; Odendall e Meintjes, 2003), sendo que a variável “satisfação com a relação” ainda só tinha sido avaliada em relações com cães (Cavanaugh et al., 2008). Ainda, a introdução da variável “confiança” adiciona conhecimento ao universo das características das relações entre os humanos e os seus animais de companhia, uma vez que até então não tinha sido testada. A sua interação com a relação entre a satisfação e o bem-estar subjetivo é, também, uma novidade. Ao nível da qualidade da investigação, o índice biométrico da literatura revista foi considerado, tendo sido escolhidos os artigos com maior número de citações.

Futuros estudos poderão relacionar as restantes dimensões do modelo de investimento (Rusbult, 1983) com o bem-estar subjetivo, assim como traços de personalidade, como sejam a motivação básica humana e a depressividade, variáveis medidas no questionário aplicado na presente investigação.

Conclusão

Em suma, esta investigação veio trazer conhecimento acerca de variáveis psicológicas implicadas na relação humano-animal de companhia e dos seus efeitos no bem-estar subjetivo humano. Mais concretamente, o bem-estar subjetivo dos humanos é tanto maior quanto maior for a satisfação que os humanos têm fruto das suas relações com os seus animais de companhia, apenas quando existe um elevado nível de confiança nos seus animais de companhia.

Este estudo apresenta uma mediação total, o que significa que sem a variável “confiança” no modelo, elevados níveis de satisfação com a relação não levam a diferenças significativas no bem-estar subjetivo humano. Tais resultados têm implicações, nomeadamente ao nível prático. Sabendo desta relação, quem tem contacto com animais deve fomentar confiança nos mesmos para que a satisfação fruto da sua relação implique um maior nível de bem-estar. A importância da confiança no animal de companhia é, portanto, um dado em destaque nesta investigação, que pode ser o ponto de partida para várias investigações futuras neste sentido.

Tal como a confiança, já foram identificados alguns fatores explicativos da relação entre o *pet ownership* e o bem-estar humano. Um estudo quase-experimental realizado nos Estados Unidos (Peretti, 1988), onde participaram 128 indivíduos a partir dos 64 anos, mostrou que 75% da amostra mencionou que o seu cão era o seu único amigo. A literatura tem sugerido que, entre as crianças e os idosos, os animais de estimação têm um papel mais benéfico do que entre os adultos (Wells, 2009). Um estudo longitudinal (Pachana et al., 2005) verificou que a idade, o estado civil e o tipo de habitação estão fortemente correlacionados com a presença de um animal de estimação e com a saúde, o que demonstra o poder moderador de variáveis sociodemográficas na relação em análise. Ainda, um estudo de Budge et al. (1998) averiguou o grau de compatibilidade entre o animal de estimação e o dono, tendo-se como compatibilidade o ajustamento entre o animal e o dono nas dimensões física, comportamental e psicológica. Os resultados do estudo demonstraram que os donos mais compatíveis comportamentalmente com os seus animais de companhia estavam mais vinculados ao seu animal e eram mais propensos a relatar uma maior saúde mental, maior bem-estar, menor stress e menor ansiedade e sintomas de doença.

Comparando o papel dos animais *versus* o papel dos humanos na predição do bem-estar e saúde dos humanos, podemos considerar que os animais podem adicionar e complementar as relações humanas (Amiot & Bastian, 2015). Um estudo de Allen et al. (1991) avaliou a performance e medidas fisiológicas a 45 mulheres durante uma tarefa

stressante em que na condição em que estava o seu cão presente a performance era melhor e as respostas automáticas eram mais moderadas do que na condição em que as mulheres executavam a tarefa na presença de uma amiga próxima, na qual a performance era mais baixa e as respostas fisiológicas mais extremas. Deste modo, os autores refletem sobre o facto de a presença dos animais de estimação, neste caso, os cães, durante a execução de uma tarefa stressante, ter fornecido às donas um suporte social crítico para respostas psicológicas ao stress agudo, descobertas que indicam que as donas se sentiam menos ameaçadas pela situação devido à presença do seu animal.

Com o acontecimento pandemia, o panorama mudou e houve pessoas a adotar animais e outras a abandoná-los, o que nos obriga a pensar em formas de primeiro compreender a relação humano-animal de companhia e, depois, de atuar no sentido de conservar tais relações. Fomentar a confiança poderá ser um princípio para que haja um maior nível de bem-estar humano quando existe uma elevada satisfação com a relação com os animais de estimação.

Citando Herzog (2011), o estudo das nossas interações com os animais é interessante, importante e desafiante. Se o facto de os animais fazerem as pessoas mais felizes é um dado que ainda não é consensual na literatura, torna-se claro que eles desempenham um papel fundamental em aspetos da vida psicológica dos humanos. Assim sendo, as nossas atitudes e comportamentos para com os animais e relações com outras espécies oferecem uma janela única para a compreensão de vários aspetos da natureza humana.

Referências

- Allen, K. M., Blascovich, J., Tomaka, J., & Kelsey, R. M. (1991). Presence of human friends and pet dogs as moderators of autonomic responses to stress in women. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(4), 582-589. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.4.582>
- Amiot, C. E., & Bastian, B. (2015). Toward a psychology of human-animal relations. *Psychological Bulletin*, 141(1), 6-47. <https://doi.org/10.1037/a0038147>
- Amiot, C., Bastian, B., & Martens, P. (2016). People and companion animals: It takes two to tango. *BioScience*, 66(7), 552-560. <https://doi.org/10.1093/biosci/biw051>
- Applebaum, J. W., Tomlinson, C. A., Matijczak, A., McDonald, S. E., & Zsembik, B. A. (2020). The concerns, difficulties, and stressors of caring for pets during covid-19: Results from a large survey of U.S. pet owners. *Animals*, 10(10), 1-14. <https://doi.org/10.3390/ani10101882>
- Armstrong Oma, K. (2010). Between trust and domination: social contracts between humans and animals. *Work Archaeology*, 42(2), 175-187. <https://doi.org/10.1080/00438241003672724>
- Baker, Z. G., Petit, W. E., & Christina, M. B. (2016). An investigation of the Rusbult investment model of commitment in relationships with pets. *Anthrozoos*, 29(2), 193-204. <https://doi.org/10.1080/08927936.2015.1092732>
- Barlow, M. R., Cromer, L. D., Caron, H. P., & Freyd, J. J. (2012). Comparison of normative and diagnosed dissociation on attachment to companion animals and stuffed animals. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 4(5), 501-506. <https://doi.org/10.1037/a0028134>
- Becker, M. (2002) *The healing power of pets: harnessing the amazing ability of pets to make and keep people happy and healthy*. New York, NY: Hyperion Books.
- Bekoff, M. (2001). The evolution of animal play, emotions, and social morality: On science, theology, spirituality, personhood, and love. *Zygon*, 36(4), 615-655. <https://doi.org/10.1111/0591-2385.00388>
- Bonas, S., McNicholas, J., & Collins, G. M. (2000). Pets in the network of family relationships: An empirical study. In A. L. Podberscek, E. S. Paul, & J. A. Serpell (Eds.), *Companion animals and us: Exploring the relationships between people and pets* (pp. 209-236). Cambridge University Press. <https://books.google.pt/books?hl=en&lr=&id=G9gpRZCsSXAC&oi=fnd&pg=PA209&dq=Pets+in+the+network+of+family+relationships:+An+empirical+study&ots=cbJoayaAaQ&sig=tJzLc-cgsJBsf->

[OFyAiAaxZXqoPg&redir_esc=y#v=onepage&q=Pets%20in%20the%20network%20of%20family%20relationships%3A%20An%20empirical%20study&f=false](https://doi.org/10.1080/08927936.2020.1799561)

- Bouma, E. M., Vink, L. M., & Dijkstra, A. (2020). Social-cognitive processes before Dog acquisition associated with future relationship satisfaction of dog owners and canine behavior problems. *Anthrozoos*, 33(5), 659-672. <https://doi.org/10.1080/08927936.2020.1799561>
- Budge, R. C., Spicer, J., Jones, B., & St. George, R. (1998). Health correlates of compatibility and attachment in human-companion animal relationships. *Society and Animals*, 6(3), 219-234. <https://doi.org/10.1163/156853098X00168>
- Carr, D., Friedman, E., Gree, N. R., Gilchrist, C., Sachs-Ericsson, N., & Koodaly, L. (2021). Dog walking and the social impact of the covid-19 pandemic on loneliness in older adults. *Animals*, 11(7), 1-15. <https://doi.org/10.3390/ani11071852>
- Casey, R. A., Vandenbussche, S., Bradshaw, J. & Roberts, M. A. (2009). Reasons for relinquishment and return of domestic cats (*felis silvestris catus*) to rescue shelters in the UK. *Anthrozoos*, 22(4), 347-358. <https://doi.org/10.2752/089279309X12538695316185>
- Cavanaugh, L. A., Leonard, H. A., & Scammon, D. L. (2008). A tail of two personalities: How canine companions shape relationships and well-being. *Journal of Business Research*, 61(5), 469-479. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2007.07.024>
- Cohen, J. (1977). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Academic Press, Inc. https://books.google.pt/books?hl=en&lr=&id=rEe0BQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=Statistical+power+analysis+for+the+behavioral+sciences&ots=swWTOvVXm8&sig=M4aD-cUuJZmp2PznX8k0xLhdX7w&redir_esc=y#v=onepage&q=Statistical%20power%20analysis%20for%20the%20behavioral%20sciences&f=false
- Curb, L. A., Abramson, C. I., Grice, J. W., & Kennison, S. M. (2013). The relationship between personality match and pet satisfaction among dog owners. *Anthrozoos*, 26(3), 395-404. <https://doi.org/10.2752/175303713X13697429463673>
- Diener, E., & Chan, M. Y., (2011). Happy people live longer: Subjective wellbeing contributes to health and longevity. *Applied Psychology: Health and Well-Being*, 3(1), 1-43. <https://doi.org/10.1111/j.1758-0854.2010.01045.x>
- Diener, E., Sandvik, E., Pavot, W., & Gallagher, D. (1991). Response artifacts in the measurement of subjective well-being. *Social Indicators Research*, 24, 35-56. <https://doi.org/10.1007/BF00292649>

- Diener, E., Wirtz, D., Tov, W., Kim-Prieto, C., Choi, D., Oishi, S., & Biswas-Diener, R. (2010). New well-being measures: Short scales to assess flourishing and positive and negative feelings. *Social Indicators Research*, 97(2), 143-156. <https://doi.org/10.1007/s11205-009-9493-y>
- Dooris, M., Farrier, A., & Froggett, L. (2018). Wellbeing: The challenge of “operationalising” na holistic concept within a reductionist public health program. *Perspectives in Public Health*, 138(2), 93-99. <https://doi.org/10.1177/1757913917711204>
- Eger, R. J., & Maridal, J. H. (2015). A statistical meta-analysis of the wellbeing literature. *International Journal of Wellbeing*, 5(2), 45-74. <https://doi.org/10.5502/ijw.v5i2.4>
- Elvers, G. C., & Lawriw, A. N. (2019). The behavioral style of the cat predicts owner satisfaction. *Anthrozoos*, 32(6), 757-768. <https://doi.org/10.1080/08927936.2019.1673038>
- Evans, R., Lyons, M., Brewer, G., & Tucci, S. (2019). The purrfect match: The influence of personality on owner satisfaction with their domestic cat (*Felis silvestris catus*). *Personality and Individual Differences*, 138, 252-256. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.10.011>
- Friedmann, E. & Son, H. (2009). The human-companion animal bond: How humans benefit. *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*, 39(2), 239-326. <http://doi.org/10.1016/j.cvsm.2008.10.015>
- Friedmann, E., Katcher, A. H., Lynch, J. J., & Thomas, S. A. (1980), Animal companions and one-year survival of patients after discharge from coronary care unit. *Public Health Reports*, 95(4), 307-312.
- Friedmann, E., Thomas, S. A., Cook, I., K., Tsai, C. C., & Picot, S. J. (2007). A friendly dog as potential moderator of cardiovascular response to speech in older hypersensitives. *Anthrozoos*, 20(1), 51-63. <https://doi.org/10.2752/089279307780216605>
- Gilbey, A., McNicholas, J., & Collins, G. M. (2007). A longitudinal test of the belief that companion animal ownership can help reduce loneliness. *Anthrozoos*, 20(4), 345-353. <https://doi.org/10.2752/089279307X245473>
- Hawley, L., & Cacioppo, J. (2010). How can I connect with thee: Measuring and comparing satisfaction in multiple relationship domains. *Journal of Individual Psychology*, 66(1), 43-58.
- Headey, B., Grabka, M., Kelley, J., Reddy, P., & Tseng, Y. P. (2000). Pet ownership is good for your health and saves public expenditure too: Australian social monitor. *Melbourne Institute of Applied Economic and Social Research*, 5(4), 93-99.
- Herzog, H. (2011). The impact of pets on human health and psychological well-being: Fact, fiction or hypothesis? *Current Directions in Psychological Science*, 20(4), 236-239. <https://doi.org/10.1177/0963721411415220>

- Holland, K. E., Owczarczak-Garstecka, S. C., Anderson, K. L., Casey, R., Christley, R. M., Harris, L., McMillan, K. M., Mead, R., Murray, J. K., Samet, L., & Upjohn, M. M. (2021), "More attention than usual": A thematic analysis of dog ownership experiences in the UK during the first covid-19 lockdown. *Animals*, 11(1), 1-3. <https://doi.org/10.3390/ani11010240>
- Igartua, J., & Hayes, A. F. (2021). Mediation, moderation, and conditional process analysis: Concepts, computations, and some common confusions. *The Spanish Journal of Psychology*, 24, 1-23. <https://doi.org/10.1017/SJP.2021.46>
- Ikeuchi, T., Taniguchi, Y., Abe, T., Seino, S., Shimada, C., Kitamura, A., & Shinkai, S. (2021). Association between experience of pet ownership and psychological health among socially isolated and non-isolated older adults. *Animals*, 11(3), 1-10. <https://doi.org/10.3390/ani11030595>
- Iqbal, S., Siddiqui, G. F., & Iqbal, M. Z. (2019). Modelling trust developing procedure between pet and owner. 14th International Conference on Emerging Technologies. <https://doi.org/10.1109/ICET.2018.8603596>
- Jacobetty, R., Lopes, D., Fatjó, J., Bowen, J., & Rodrigues, D. L. (2020). Psychological correlates of attitudes toward pet relinquishment and of actual pet relinquishment: The role of pragmatism and obligation. *Animals*, 10(63), 1-17. <https://doi.org/10.3390/ani10010063>
- Kidd, A. H., Kidd, R. M., & George, C. C. (1992). Successful and uncussessful pet adoptions. *Psychological Reports*, 70(2), 547-561. <https://doi.org/10.2466/pr0.70.2.547-561>
- Kobau, R., Snizek, J., Zack, M. M., Lucas, R. E., & Burns, A. (2010). Well-being assessment: An evaluation of well-being scales for public health and population estimates of well-being among US adults. *Applied Psychology: Health and Well-being*, 2(3), 272-297. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1758-0854.2010.01035.x>
- Kogan, L. R., Currin-McCulloch, J., Bussolari, C., Packman, & Erdman, P. (2021). The psychosocial influence of companion animals on positive and negative affect during the covid-19 pandemic. *Animals*, 11(7), 1-25. <https://doi.org/10.3390/ani11072084>
- Koivusilta, L., & Ojanlatva, A. (2006). To have or not to have a pet for better health? *PLoS ONE*, 1(1), 1-9. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0000109>
- La Placa, V., McNaught, A., & Knight, A. (2013). Discourse on wellbeing in research and practice. *International Journal of Wellbeing*, 3(1), 116-125. <https://doi.org/10.5502/ijw.v3i1.7>
- Lamu, A. N., & Olsen, J. A. (2016). The relative importance of health, income and social relations for subjective well-being: Na integrative analysis. *Social Science and Medicine*, 152(1), 176-185. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2016.01.046>

- Lusa (2021, 20 de fevereiro). Há cada vez mais animais “órfãos” e faltam mãos para ajudar. *Público*. <https://www.publico.pt/2021/02/20/p3/noticia/ha-animais-orfaos-faltam-maos-ajudar-1951475>
- Mayers, R. (2021). Dogs unleashed: The positive role dogs play during covid-19. *Leisure Sciences*, 43(1-2), 252-259. <https://doi.org/10.1080/01490400.2020.1774010>
- McConnell, A. R., Brown, C. M., Shoda, T. M., Stayton, L. E., & Martin, C. E. (2011). Friends with benefits: On the positive consequences of pet ownership. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(6), 1239-1252. <https://doi.org/10.1037/a0024506>
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1983). Social desirability scales: More substance than style. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 51(6), 882-888.
- New Jr, J. C., Salman, M. D., King, M., Scarlett, J. M., Kass, P. H., & Hutchison, J. M. (2000). Characteristics of shelter-relinquished animals and their owners compared with animals and their owners in U.S. pet-owning households. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, 3(3), 179-201. https://doi.org/10.1207/s15327604jaws0303_1
- Notícias ao Minuto (2021, 30 de agosto). Os benefícios para a saúde de ter um cão, a ciência explica. *Notícias ao Minuto*. <https://www.noticiasao minuto.com/lifestyle/1822189/os-beneficios-para-a-saude-de-ter-um-caao-a-ciencia-explica>
- Odendall, J. S. J., & Meintjes, R. A. (2003). Neurophysiological correlates of affiliative behaviour between humans and dogs. *The Veterinary Journal*, 165(3), 296-301. [https://doi.org/10.1016/S1090-0233\(02\)00237-X](https://doi.org/10.1016/S1090-0233(02)00237-X)
- Olivia, J. L. & Johnston, K. L. (2021). Puppy love in the time of Corona: Dog ownership protects against loneliness for those living alone during the covid-19 lockdown. *International Journal of Social Psychiatry*, 67(3), 232-242. <https://doi.org/10.1177/0020764020944195>
- Onodera, N., Uchida, K., & Kakuma, Y. (2014). Association between characteristics of cats and satisfaction of owners who adopted cats from an animal hospital in Japan. *Journal of Veterinary Medical Science*, 76(5), 729-733. <https://doi.org/10.1292/jvms.12-0569>
- Organização Mundial da Saúde (1946). Constitution of the world health organization. *American Journal of Public Health*, 36(11), 1315-1323.
- Organização Mundial da Saúde (2012). Measurement of and target-setting for well-being: An initiative by the WHO Regional Office for Europe. First meeting of the expert group. Copenhagen, Denmark. http://www.euro.who.int/_data/assets/pdf_file/0009/181449/e96732.pdf?ua=1
- Owczarczak-Garstecka, S. C., Graham, T. M., Archer, D. C., & Westgarth, C. (2021). Dog walking before and during the covid-19 pandemic lockdown: Experiences of UK dog owners.

International Journal of Environmental Research and Public Health, 18(12), 1-22.
<https://doi.org/10.3390/ijerph18126315>

- Pachana, N. A., Ford, J. H., Andrew, B., & Dobson, A. J. (2005). Relations between companion animals and self-reported health in older women: Cause, effect or artifact? *International Journal of Behavioral Medicine*, 12(2), 103-110.
https://doi.org/10.1207/s15327558ijbm1202_8
- Parker, G. B., Gayed, A., Owen, C. A., Hyett, M. P., Hilton, T. M., & Heruc, G. A. (2010). Survival following an acute coronary syndrome: A pet theory put to the test. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 121(1), 65-70. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0447.2009.01410.x>
- Parslow, R. A., Jorm, A. F., Christensen, H., Rodgers, B., & Jacomb, P. (2005). Pet ownership and health in older adults: Findings from a survey of 2551 community-based Australians aged 60-64. *Gerontology*, 51(1), 40-47. <https://doi.org/10.1159/000081433>
- Paul, E. S., & Serpell, J. A. (1996). Obtaining a new pet dog: Effects on middle childhood children and their families. *Applied Animal Behaviour Science*, 47(1-2), 17-29.
[https://doi.org/10.1016/0168-1591\(95\)01007-6](https://doi.org/10.1016/0168-1591(95)01007-6)
- Peacock, J., Chur-Hansen, A., & Winefield, H. (2012). Mental health implications of human attachment to companion animals. *Journal of Clinical Psychology*, 68(3), 292-303.
<https://doi.org/10.1002/jclp.20866>
- Peretti, P. (1988). Elderly-animal friendship bonds. *Panminerva medica*, 30(3), 188-191.
<https://doi.org/10.2224/sbp.1990.18.1.151>
- Phillipou, A., Tan, E. J., Toh, W. L., Van Rheenen, T. E., Meyer, D., Neil, E., Sumner, P. J., & Rossel, S. L. (2021). Pet ownership and mental health during covid-19 lockdown. *Australian Veterinary Journal*, 1-4. <https://doi.org/10.1111/avj.13102>
- Raz, J. (2004). The role of well-being. *Philosophical Perspectives*, 18, 269-294. Retirado de: https://scholarship.law.columbia.edu/faculty_scholarship/1492
- Rodrigues, D., Lopes, D., Manuel de Oliveira, J. (2011). O modelo do investimento de Rusbult em relacionamentos amorosos hétero e homossexuais. *In-Mind Português*, 2 (1/2), 1- 11.
- Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45(1), 101-117. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.45.1.101>
- Rusbult, C. E., Martz, J. M., & Agnew, C. R. (1998). The investment model scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal Relationships*, 5(4), 357-387. <https://doi.org/10.1111/j.>

- Sfeatcu, R., Cernusca-Mitariu, M., Ionescu, C., Roman, M., Cernusca-Mitariu, S., Coldea, L., Bota, G., & Burcea, C. (2014). The concept of wellbeing in relation to health and quality of life. *European Journal of Science and Theology*, 10(4), 123-128.
- Shiloh, S., Sorek, G., & Terkel, J. (2003). Reduction of state-anxiety by petting animals in a controlled laboratory experiment. *Anxiety, Stress and Coping*, 16(4), 387-395. <https://doi.org/10.1080/1061580031000091582>
- SIC Notícias (2020, 02 de abril). A importância de se ter um animal de estimação em tempo de isolamento social. *SIC Notícias*. <https://sicnoticias.pt/especiais/coronavirus/2020-04-02-A-importancia-de-se-ter-um-animal-de-estimacao-em-tempo-de-isolamento-social>
- Simons, L. A., Simons, J., McCallum, J., & Friedlander, Y. (2000). Pet ownership is not associated with future health: A nine year prospective study in older australians. *Australasian Journal on Ageing*, 19(3), 139-142. <https://doi.org/10.1111/j.1741-6612.2000.tb00166.x>
- Straatman, I., Hanson, E. K. S., Endenburg, N., & Mol, J. A. (1997). The influence of a dog on male students during a stressor. *Anthrozoos*, 10(4), 191-197. <https://doi.org/10.2752/089279397787001012>
- Tribuna, M. (2021, 03 de março). Adoção de animais cresce 32% durante a pandemia. *Executive Digest*. <https://executivedigest.sapo.pt/adocao-de-animais-cresce-32-durante-a-pandemia/>
- Van Herwijnen, I. R., Van der Borg, J., Naguib, M., & Beerda, B. (2018). Dog ownership satisfaction determinants in the owner-dog relationship and the dog's behaviour. *PLoS ONE*, 13(9), 1-15. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0204592>
- Visão Saúde (2021, 29 de agosto). De que forma os cães e outros animais de estimação beneficiam a nossa saúde? *Visão Saúde*. <https://visao.sapo.pt/visaosaude/2021-08-29-de-que-forma-os-caes-e-outros-animais-de-estimacao-beneficiam-a-nossa-saude/>
- Wells, D. (2009). The effects of animals on human health and well-being. *Journal of Social Issues*, 65(3), 523-543. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2009.01612.x>
- Wells, D. L. (2005). The effect of videotapes of animals on cardiovascular responses to stress. *Stress and Health*, 21(3), 209-213. <https://doi.org/10.1002/smi.1057>
- Yamagishi, T., & Yamagishi, M. (1994). Trust and commitment in the United States and Japan. *Motivation and Emotion*, 18(2), 129-165.
- Zilcha-Mano, S., Mikulincer, M., & Shaver P. K. (2012). Pets as safe havens and secure bases: The moderating role of pet attachment orientations. *Journal of Research in Personality*, 46(5), 571-580. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2012.06.005>

Anexos

Anexo A – Questionário.

Antes de mais, obrigada pelo seu interesse. Ao preencher este questionário estará a contribuir para o estudo da forma como nos relacionamos com os nossos animais de companhia. Este é um projeto de investigação realizado pelo Centro de Investigação e Intervenção Social do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Todas as suas respostas são estritamente confidenciais e nunca serão tratadas individualmente. A utilização destes dados será para fins estritamente científicos, não sendo, portanto, alvo de divulgação pública ou de massa. Pela Equipa de Investigação, Diniz Lopes & Raquel Santos (Investigadores responsáveis, CIS-IUL / ISCTE-IUL).

Se quiser receber notícias do projeto e participar em iniciativas futuras, deixe-nos o seu contacto de e-mail (note que esta informação será mantida em separado das suas respostas ao questionário):

No presente estudo, estamos interessados em obter informações sobre as formas como percebemos e lidamos com animais de companhia. Pedimos-lhe que leia com atenção todas as questões que lhe colocamos e que responda de forma sincera.

Não existem respostas certas ou erradas e, de acordo com as normas da Comissão Nacional de Proteção de Dados, as suas respostas são anónimas e confidenciais. A publicação dos dados que decorram deste estudo poderá ocorrer apenas em revistas científicas da especialidade.

Este questionário tem uma duração média de 15 minutos. Caso decida terminar a sua participação antes de concluir o questionário, basta fechar a janela do seu browser e as suas respostas não serão gravadas. Neste caso, a sua participação ficará invalidada e não será considerada na base de dados final.

Antes de iniciar, confirme a seguinte informação:

1. Estou consciente de que a minha participação é voluntária e posso interromper em qualquer momento, simplesmente fechando a página.
2. As minhas respostas são anónimas e ninguém poderá aceder à minha identidade.

3. As minhas respostas serão utilizadas exclusivamente para investigação e acedidas apenas pelos investigadores envolvidos no projeto.

4. Sou maior de idade (tenho idade igual ou superior a 18 anos).

Diga-nos, agora, se concorda ou não concorda em participar neste questionário:

- ☐ Concordo em participar
- ☐ Não concordo em participar

Vamos começar por lhe colocar algumas questões sobre si, sobre a sua família e sobre a sua residência.

Qual a sua idade?

Qual o seu sexo?

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ Outro

Qual o último grau de escolaridade que concluiu?

- ☐ Inferior ao Ensino Secundário (liceu)
- ☐ Ensino Secundário (liceu)
- ☐ Bacharelato/Licenciatura
- ☐ Mestrado/Doutoramento
- ☐ Outro

Qual a sua orientação política?

- ☐ Extrema direita
- ☐ Direita
- ☐ Centro
- ☐ Esquerda
- ☐ Extrema esquerda
- ☐ Sem orientação política

Qual a sua religião?

- ☐ Sem religião
- ☐ Católica
- ☐ Cristã não católica
- ☐ Outras religiões

Qual o seu nível de rendimento mensal?

- ☐ ≤ 580€
- ☐ 581-999€
- ☐ 1000-1999€
- ☐ 2000-4999€
- ☐ ≥ 5000€

Qual o seu estado civil?

- ☐ Solteiro/a sem relação
- ☐ Solteiro/a numa relação

- ☐ Solteiro/a numa união de facto
- ☐ Casado/a
- ☐ Viúvo/a
- ☐ Divorciado

Diga-nos agora: a sua habitação é partilhada ou vive sozinho/a?

- ☐ Vivo sozinho/a
- ☐ Vivo com os meus pais
- ☐ Vivo com o meu/minha companheiro/a
- ☐ Vivo com amigos/as
- ☐ Outra situação: _____

Indique-nos, por favor, o tipo da sua casa:

- ☐ Apartamento
- ☐ Moradia
- ☐ Quinta
- ☐ Outro: _____

Como classifica o meio em que normalmente habita?

- ☐ Meio urbano
- ☐ Meio suburbano
- ☐ Meio rural

Qual o tamanho do seu agregado familiar (incluindo o próprio; indique um número)?

Qual o número de crianças que tem a seu cargo ou que habitam consigo?

- ☐ 0
- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ < 5

Qual a sua situação laboral presente?

- ☐ Emprego permanente
- ☐ Emprego temporário
- ☐ Trabalhador/a Estudante
- ☐ Estudante
- ☐ Desempregado/a
- ☐ Reformado/a
- ☐ Doméstico/a

Já alguma vez teve animais de companhia?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Os seus amigos/familiares têm animais de companhia?

- ☐ Não, quase ninguém
- ☐ Sim, alguns

- ☐ Sim, quase todos

Tem algum animal neste momento?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Trabalha com animais?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Mostrar as seguintes questões:

Se Já alguma vez teve animais de companhia? = Sim

E Tem algum animal neste momento? = Sim

Vamos agora pedir-lhe que caracterize os animais de companhia que vivem consigo/com a sua família:

Que espécies de animais já teve? (pode seleccionar mais que uma opção)

- ☐ Cão
- ☐ Gato
- ☐ Pequeno mamífero (e.g., hamster)
- ☐ Ave
- ☐ Peixe
- ☐ Réptil

☐ Outro: _____

Quem decidiu ter animais?

- ☐ Fui eu
- ☐ Foi um familiar

É o cuidador principal deste animal?

- ☐ Sim, sou eu sozinho/a
- ☐ Sim, mas tenho ajuda
- ☐ Não

Vamos, de seguida, colocar-lhe algumas questões sobre a sua relação com os seus animais de companhia:

O seu animal de companhia é, para si, um peso ou um fardo?

- ☐ Nunca
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5
- ☐ 6
- ☐ Sempre

Quais os principais motivos para sentir o seu animal como um peso ou um fardo?

Discordo totalmente	2	3	4	5	6	Concordo totalmente
------------------------	---	---	---	---	---	------------------------

	1						7
Gastos financeiros com o animal.	o	o	o	o	o	o	o
Ter que cuidar do animal.	o	o	o	o	o	o	o
Ter que educar o animal.	o	o	o	o	o	o	o
O animal limitar a minha vida.	o	o	o	o	o	o	o
O animal dar-me preocupações emocionais.	o	o	o	o	o	o	o
Os custos com o animal superarem os benefícios.	o	o	o	o	o	o	o

Porque é que tem um animal?

	Discordo totalmente 1	2	3	4	5	6	Concordo totalmente 7
Não foi escolha minha.	o	o	o	o	o	o	o
Sempre tive animais.	o	o	o	o	o	o	o
Gosto de animais.	o	o	o	o	o	o	o
Por proteção.	o	o	o	o	o	o	o
Por companhia.	o	o	o	o	o	o	o
Para dar estrutura/responsabilidade.	o	o	o	o	o	o	o

Para me manter ocupado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para melhorar a minha saúde.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Alguma vez se arrependeu de ter o seu animal de companhia?

☐ Sim

☐ Não

Mostrar as seguintes questões a todos os participantes:

Para cada uma das 6 afirmações que se seguem, assinale como se posiciona:

	Discordo totalmente 1	2	3	4	5	6	Concordo totalmente 7
Normalmente, os animais de companhia são sinceros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Normalmente, os animais de companhia são dignos de confiança.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Normalmente, os animais de companhia são bondosos e amáveis.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Normalmente, as outras pessoas confiam nos animais de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os animais de companhia podem confiar em mim.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Normalmente, os animais de companhia são	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

amáveis quando as
pessoas confiam neles.

--	--	--	--	--	--	--

De seguida encontra uma série de afirmações acerca da sua relação com o seu animal de companhia. Indique-nos, por favor, o quanto concorda ou discorda de cada uma delas.

	Discordo totalmente 1	2	3	4	5	6	Concordo totalmente 7
Sinto-me satisfeito/a com o relacionamento com o meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O relacionamento com o meu animal de companhia é muito melhor do que os relacionamentos de outras pessoas com os seus animais de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades de intimidade, companhia / companheirismo, etc.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O relacionamento com o meu animal de companhia está próximo do que eu considero ser ideal para mim.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O relacionamento com o meu animal de companhia faz-me muito feliz.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outros animais de companhia que poderia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

ter (que não o meu animal de companhia atual) são muito apelativos para mim.							
Se não estivesse com o meu animal de companhia atual estaria bem, pois encontraria outro animal com o qual me poderia relacionar.	o	o	o	o	o	o	o
Consigo encontrar alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia que são próximas do que eu considero ser ideal para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).	o	o	o	o	o	o	o
As alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia são atraentes para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).	o	o	o	o	o	o	o
As minhas necessidades de intimidade, companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento com outro animal de companhia que não o meu.	o	o	o	o	o	o	o
Eu investi tanto no	o	o	o	o	o	o	o

relacionamento com o meu animal de companhia que acabaria por perder tudo se este relacionamento terminasse.							
Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao meu animal de companhia (atividades recreativas, etc.) e eu perderia tudo isto caso o este relacionamento terminasse.	o	o	o	o	o	o	o
Sinto-me muito/a envolvido/a no relacionamento com o meu animal de companhia, uma vez que fiz grandes investimentos nele.	o	o	o	o	o	o	o
Os meus relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais complicados se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse (e.g., os meus amigos e família gostam muito do meu animal de companhia).	o	o	o	o	o	o	o
Em comparação com outras pessoas que conheço, eu investi bastante no relacionamento com o	o	o	o	o	o	o	o

meu animal de companhia.							
Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure por muito tempo.							
Estou comprometido/a a manter o relacionamento com o meu animal de companhia.	o	o	o	o	o	o	o
Não ficaria muito aborrecido se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse num futuro próximo.	o	o	o	o	o	o	o
Durante o próximo ano, é provável que venha a ter outros animais de companhia para além do que tenho atualmente.	o	o	o	o	o	o	o
Sinto-me muito apegado ao relacionamento que tenho com o meu animal de companhia.	o	o	o	o	o	o	o
Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure para sempre.	o	o	o	o	o	o	o
Estou motivado/a para que o relacionamento com o meu animal de companhia tenha um futuro a longo termo (por exemplo, imagino estar com o meu animal de	o	o	o	o	o	o	o

companhia daqui a vários anos).							
------------------------------------	--	--	--	--	--	--	--

Apresentam-se seguidamente oito frases com as quais pode concordar ou discordar. Por favor, utilize a escala de 1 a 7 e indique o valor da escala que melhor corresponde à sua resposta.

	Discordo totalmente 1	2	3	4	5	6	Concordo totalmente 7
Levo uma vida com objetivos e significado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os meus relacionamentos sociais apoiam-me e recompensam-me.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estou envolvido e interessado nas minhas atividades diárias.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contribuo ativamente para o bem-estar e a felicidade dos outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sou capaz e competente nas atividades que são importantes para mim.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sou uma boa pessoa e levo uma boa vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sou otimista em relação ao meu futuro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As pessoas respeitam-me.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Esta escala compreende cinco frases com as quais poderá concordar ou discordar. Por favor, utilize a escala de 1 a 7 e indique o valor da escala que melhor corresponde à sua resposta.

	Discordo totalmente 1	2	3	4	5	6	Concordo totalmente 7
A minha vida parece-se, em quase tudo, com o que eu desejaria que fosse.	o	o	o	o	o	o	o
As minhas condições de vida são muito boas.	o	o	o	o	o	o	o
Estou satisfeito com a minha vida.	o	o	o	o	o	o	o
Até agora, tenho conseguido as coisas importantes da vida tal como desejo.	o	o	o	o	o	o	o
Se eu pudesse recomeçar a minha vida, não mudaria quase nada.	o	o	o	o	o	o	o

Por favor leia as perguntas que se seguem e pense com que frequência estas situações específicas ocorrem ou já ocorreram na sua vida. Para cada frase, indique a posição da escala que melhor se adequa à sua resposta (1 = Raramente; 7 = Frequentemente).

	Raramente 1	2	3	4	5	6	Frequentemente 7
Comparativamente à maioria das pessoas, habitualmente não consegue obter o que pretende da vida?	o	o	o	o	o	o	o
Ao longo do seu crescimento, alguma vez "pisou o risco" ao fazer	o	o	o	o	o	o	o

algo que os seus pais não toleravam?							
Com que frequência conseguiu atingir um objetivo que o motivou a trabalhar mais arduamente?	o	o	o	o	o	o	o
Ao longo do seu crescimento, testava os limites dos seus pais?	o	o	o	o	o	o	o
Com que frequência obedecia às regras e normas estabelecidas pelos seus pais?	o	o	o	o	o	o	o
Ao longo do seu crescimento, alguma vez se comportou de um modo que os seus pais considerassem reprovável?	o	o	o	o	o	o	o
Costuma ter um bom desempenho nas diferentes atividades que realiza?	o	o	o	o	o	o	o
Não ser suficientemente cauteloso já lhe trouxe problemas?	o	o	o	o	o	o	o
No que toca a alcançar objetivos que são importante para si, considera que não tem um desempenho tão bom quanto o que idealmente gostaria de ter?	o	o	o	o	o	o	o
Sente que fez	o	o	o	o	o	o	o

progressos de forma a ter sucesso na sua vida?							
Tem muito poucos hobbies ou atividades que captem o seu interesse ou que o motivem a despendar esforço?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Por favor leia cuidadosamente cada grupo de afirmações que se seguem e escolha em cada um a frase que melhor descreve como se tem sentido durante as passadas duas semanas, incluindo o dia de hoje. Poderão existir várias frases no mesmo grupo que lhe pareçam adequadas. No entanto, escolha apenas uma em cada grupo.

1.

- ☐ 0. Eu não me sinto triste.
- ☐ 1. Sinto-me triste.
- ☐ 2. Eu estou sempre triste e não consigo deixar de me sentir assim.
- ☐ 3. Eu estou tão triste e infeliz que já não aguento.

2.

- ☐ 0. Eu não me sinto particularmente desencorajado(a) em relação ao futuro.
- ☐ 1. Eu sinto-me desencorajado(a) em relação ao futuro.
- ☐ 2. Eu sinto que não tenho nada pelo que esperar.
- ☐ 3. Eu sinto que o futuro está perdido e que as coisas não podem melhorar.

3.

- o 0. Eu não me sinto como um fracasso.
- o 1. Eu sinto que tenho falhado mais do que os outros no geral.
- o 2. Quando olho para o meu passado, aquilo o que eu vejo são muitos fracassos.
- o 3. Sinto que sou um fracasso completo enquanto pessoa.

4.

- o 0. Eu retiro o mesmo prazer das coisas tal como antes.
- o 1. Eu já não retiro o mesmo prazer das coisas como antes.
- o 2. Eu já não retiro verdadeiro prazer das coisas.
- o 3. Eu estou insatisfeito(a) ou aborrecido(a) com tudo.

5.

- o 0. Eu não me sinto particularmente culpado(a).
- o 1. Eu sinto-me culpado(a) uma boa parte do tempo.
- o 2. Eu sinto-me verdadeiramente culpado(a) a maior parte do tempo.
- o 3. Eu sinto-me sempre culpado(a).

6.

- o 0. Eu não sinto que esteja a ser castigado(a).
- o 1. Eu sinto que posso ser castigado(a).
- o 2. Eu espero ser castigado(a).
- o 3. Eu sinto que estou a ser castigado(a).

7.

- o 0. Eu não me sinto desapontado(a) comigo próprio(a).
- o 1. Eu estou desapontado(a) comigo próprio(a).
- o 2. Eu estou revoltado(a) comigo próprio(a).
- o 3. Eu detesto-me.

8.

- o 0. Eu não sinto que seja pior do que qualquer outra pessoa.
- o 1. Eu sou crítico(a) de mim próprio(a) sobre as minhas fraquezas ou erros.
- o 2. Eu culpo-me a toda a hora por causa dos meus defeitos.
- o 3. Eu culpo-me por todo o mal que acontece.

9.

- o 0. Eu não tenho quaisquer pensamentos de me suicidar.
- o 1. Eu tenho pensamentos de me suicidar, mas eu não os levaria a cabo.
- o 2. Eu gostava de me suicidar.
- o 3. Se tivesse oportunidade, eu suicidar-me-ia.

10.

- o 0. Eu não choro mais do que o normal.
- o 1. Eu choro mais do que antes.
- o 2. Eu agora estou sempre a chorar.
- o 3. Apetece-me chorar, mas já nem consigo.

11.

- ☐ 0. Eu não me sinto mais irritado(a) do que o costume.
- ☐ 1. Eu sinto-me ligeiramente mais irritado(a) agora do que o costume.
- ☐ 2. Eu sinto-me bastante chateado(a) ou irritado(a) uma boa parte do tempo.
- ☐ 3. Eu sinto-me sempre irritado(a).

12.

- ☐ 0. Eu não perdi o interesse pelos outros.
- ☐ 1. Eu estou menos interessado(a) pelos outros do que o costume.
- ☐ 2. Eu perdi a maioria do interesse pelos outros.
- ☐ 3. Eu perdi todo o interesse pelos outros.

13.

- ☐ 0. Eu tomo decisões tão bem como antes.
- ☐ 1. Eu adio tomar decisões agora mais do que o costume.
- ☐ 2. Eu tenho grandes dificuldades em tomar decisões agora mais do que o costume.
- ☐ 3. Eu já não consigo tomar decisões de todo.

14.

- ☐ 0. Eu não sinto que a minha imagem esteja pior do que o costume.
- ☐ 1. Eu estou preocupado(a) que a minha imagem pareça envelhecida ou desagradável.
- ☐ 2. Eu sinto que há mudanças permanentes na minha imagem que me fazem parecer desagradável.
- ☐ 3. Eu acredito que pareço feio.

15.

- ☐ 0. Eu consigo trabalhar tão bem como antes.
- ☐ 1. É preciso um esforço extra para começar a fazer alguma coisa.
- ☐ 2. Eu tenho de me esforçar muito para fazer algo.
- ☐ 3. Eu não consigo fazer trabalho algum.

16.

- ☐ 0. Eu durmo tão bem como antes.
- ☐ 1. Eu não durmo tão bem como dormia antes.
- ☐ 2. Eu acordo uma a duas horas mais cedo e é difícil voltar a adormecer.
- ☐ 3. Eu acordo algumas horas mais cedo do que o costume e não consigo voltar a adormecer.

17.

- ☐ 0. Eu não fico mais cansado(a) do que o costume.
- ☐ 1. Eu fico cansado(a) mais facilmente do que o costume.
- ☐ 2. Eu fico cansado(a) por fazer quase tudo.
- ☐ 3. Eu estou demasiado cansado(a) para fazer qualquer coisa.

18.

- ☐ 0. O meu apetite não está menor do que o costume.
- ☐ 1. O meu apetite está tão bom como o costume.
- ☐ 2. O meu apetite é muito menor agora.

- ☐ 3. Eu já não tenho apetite algum.

19.

- ☐ 0. Eu não perdi muito peso, se algum, ultimamente.
- ☐ 1. Eu perdi mais do que 2 kg.
- ☐ 2. Eu perdi mais do que 5 kg.
- ☐ 3. Eu perdi mais do que 10 kg.

20.

- ☐ 0. Eu não estou mais preocupado(a) com a minha saúde do que o costume.
- ☐ 1. Eu estou preocupado(a) com problemas físicos como dores corporais, dores de estômago ou obstipação.
- ☐ 2. Eu estou muito preocupado(a) com problemas físicos e é difícil pensar noutra coisa.
- ☐ 3. Eu estou tão preocupado(a) com problemas físicos que eu não consigo pensar noutra coisa.

21.

- ☐ 0. Eu não notei mudanças recentes no meu interesse em relações sexuais.
- ☐ 1. Eu estou menos interessado(a) em relações sexuais do que o costume.
- ☐ 2. Eu não tenho quase interesse em relações sexuais.
- ☐ 3. Eu perdi completamente o interesse por relações sexuais.

Mostrar as seguintes questões:

Se Já alguma vez teve animais de companhia? = Sim

E Tem algum animal neste momento? = Não

Se, neste momento, não tem animais de companhia queira, por favor, responder às seguintes questões:

Há quanto tempo é que não tem um animal de companhia?

- ☐ < 1 ano
- ☐ 1-5 anos
- ☐ 6-10 anos
- ☐ > 10 anos

De que espécie era o último animal que teve?

- ☐ Cão
- ☐ Gato
- ☐ Pequeno mamífero (e.g., hamster)
- ☐ Ave
- ☐ Peixe
- ☐ Réptil
- ☐ Outro: _____

Mostrar as seguintes questões:

Se Já alguma vez teve animais de companhia? = Não

Se nunca teve animais de companhia queira, por favor, responder às seguintes questões:

Diga-nos, por favor, quais as razões para não ter um animal de companhia:

	Discordo totalmente 1	2	3	4	5	6	Concordo totalmente 7
Com quem eu vivo não quer ter animais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Onde eu vivo não são permitidos animais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não tenho dinheiro para ter um animal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não tenho saúde para ter um animal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não tenho tempo para ter um animal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não tenho paciência para ter um animal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não gosto de animais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tenho medo de animais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sou alérgico a animais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Gostava de ter um animal de companhia?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Mostrar as seguintes questões:

Se Já alguma vez teve animais de companhia? = Não

And Gostaria de ter um animal de companhia? = Sim

Que espécie de animal de companhia gostaria mais de ter?

- ☐ Cão
- ☐ Gato
- ☐ Pequeno mamífero (e.g., hamster)
- ☐ Ave
- ☐ Peixe
- ☐ Réptil
- ☐ Outro: _____

Incomoda-o não ter um animal de companhia?

- ☐ Nada
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5
- ☐ 6
- ☐ Muito

Diga-nos, agora, porque gostaria de ter um animal de companhia?

	Discordo totalmente 1	2	3	4	5	6	Concordo totalmente 7
Gosto de animais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por proteção.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para dar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

estrutura/responsabilidade.							
Para me manter ocupado.	o	o	o	o	o	o	o
Para melhorar a minha saúde.	o	o	o	o	o	o	o

O que é que o preocuparia mais em ter um animal de companhia?

	Discordo totalmente 1	2	3	4	5	6	Concordo totalmente 7
Ensinar a higiene.	o	o	o	o	o	o	o
Destruição em casa	o	o	o	o	o	o	o
Fazer muito barulho.	o	o	o	o	o	o	o
Ter problemas de comportamento.	o	o	o	o	o	o	o
Fazer-me cair ou tropeçar.	o	o	o	o	o	o	o
Magoar as crianças.	o	o	o	o	o	o	o
Apegar-me muito ao animal.							
Não ter como cuidar do animal.							
Que algo me aconteça e ninguém fique com o animal.							
Ser motivo de discórdia familiar.							
Ter problemas com a vizinhança.							

Está a pensar ter um animal no futuro?

☐ Sim

☐ Não

Anexo B – Texto de divulgação do questionário.

Bom dia!

No âmbito do mestrado em Psicologia Social e das Organizações pelo ISCTE-IUL, estamos a desenvolver um estudo sobre a forma como nos relacionamos com os nossos animais de companhia. Para que o estudo se realize precisamos apenas de 15 minutos do seu tempo, para preencher um questionário - clicando no *link* abaixo - e, não se preocupe, se não tem animais de companhia pode e deve participar!

Link para o questionário: http://isctecis.co1.qualtrics.com/jfe/form/SV_6onjbXoYqzKZLpA

Agradecemos muito a sua colaboração.

Anexo C – IMS – Análise Fatorial.

	Fatores			
	1	2	3	4
Estou motivado/a para que o relacionamento com o meu animal de companhia tenha um futuro a longo termo (por exemplo, imagino estar com o meu animal de companhia daqui a vários anos)	,806	,015	,046	-,118
Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure por muito tempo.	,798	-,068	-,062	,023
Estou comprometido/a a manter o relacionamento com o meu animal de companhia	,648	-,081	-,077	,118
Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure para sempre.	,625	,144	,074	-,040
Sinto-me muito apegado ao relacionamento que tenho com o meu animal de companhia	,451	,208	,116	,096
Não ficaria muito aborrecido se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse num futuro próximo.	,208	-,118	,093	,051
Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao meu animal de companhia (atividades recreativas, etc.) e eu perderia tudo isto caso o este relacionamento terminasse.	-,080	,762	,100	-,015
Eu investi tanto no relacionamento com o meu animal de companhia que acabaria por perder tudo se este relacionamento terminasse.	,002	,689	,009	,016
Sinto-me muito/a envolvido/a no relacionamento com o meu animal de companhia, uma vez que fiz grandes investimentos nele	,104	,654	-,072	-,008
Os meus relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais complicados se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse (p.e., os meus amigos e família gostam muito do meu animal de companhia).	-,112	,645	-,069	,030
Em comparação com outras pessoas que conheço, eu investi bastante no relacionamento com o meu animal de companhia	,045	,559	,050	,111
Consigo encontrar alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia que são próximas do que eu considero ser ideal para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).	-,038	-,041	,746	,164
As alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia são atraentes para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).	-,080	-,088	,671	,212
As minhas necessidades de intimidade, companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento com outro animal de companhia que não o meu.	,051	,037	,563	-,185
Se não estivesse com o meu animal de companhia atual estaria bem, pois encontraria outro animal com o qual me poderia relacionar.	,094	,120	,464	-,181
Outros animais de companhia que poderia ter (que não o meu animal de companhia atual) são muito apelativos para mim.	,024	-,026	,382	-,335
O relacionamento com o meu animal de companhia está próximo do que eu considero ser ideal para mim	-,045	,075	-,009	,734

O relacionamento com o meu animal de companhia faz-me muito feliz.	,332	-,073	-,038	,590
Sinto-me satisfeito/a com o relacionamento com o meu animal de companhia	,230	-,129	-,002	,479
O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades de intimidade, companhia / companheirismo, etc..	,003	,311	-,032	,471
O relacionamento com o meu animal de companhia é muito melhor do que os relacionamentos de outras pessoas com os seus animais de companhia.	-,036	,247	-,060	,343
Durante o próximo ano, é provável que venha a ter outros animais de companhia para além do que tenho atualmente.	,108	-,044	,099	-,122

Extraction Method: Principal Axis Factoring.

Rotation Method: Promax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 6 iterations.

Legenda:

- **Nível de compromisso**
- **Investimento**
- **Qualidade das alternativas**
- **Satisfação com a relação**

Nota: Os inquiridos responderam de forma muito diferente ao item “Durante o próximo ano, é provável que venha a ter outros animais de companhia para além do que tenho atualmente.” relativamente aos quatro padrões de respostas encontrados nos restantes itens, tendo este ficado sem colocação nos fatores formados pela análise. Podemos invocar a justificação dada por Baker et al. (2016) relativamente à possibilidade de as pessoas poderem considerar manter a companhia do seu animal de estimação e ponderarem algumas alternativas ao mesmo tempo, não sendo isso tomado em linha de conta pelo modelo de investimento de Rusbult (1983). Talvez por isso haja respostas tão dispares nesta questão.

Anexo D – Mediação da confiança na relação entre a satisfação e o bem-estar – saída do SPSS.

```

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 3.5.3 *****

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com
Documentation available in Hayes (2018). www.guilford.com/p/hayes3

*****
Model : 4
Y : bem-est
X : satisf
M : confi

Sample
Size: 568

*****
OUTCOME VARIABLE:
confi

Model Summary
R      R-sq    MSE      F      df1      df2      p
,4513   ,2037   ,3818  144,7978  1,0000  566,0000  ,0000

Model
coeff    se      t      p      LLCI      ULCI
constant 4,4275   ,1701  26,0217  ,0000  4,0933  4,7617
satisf   ,3379   ,0281  12,0332  ,0000  ,2827  ,3930

Standardized coefficients
coeff
satisf   ,4513

*****
OUTCOME VARIABLE:
bem-est

Model Summary
R      R-sq    MSE      F      df1      df2      p
,1595   ,0255   1,5673   7,3781  2,0000  565,0000  ,0007

Model
coeff    se      t      p      LLCI      ULCI
constant 5,1218   ,5109  10,0252  ,0000  4,1183  6,1253
satisf   ,0704   ,0638   1,1037  ,2702  -,0549  ,1956
confi    ,2372   ,0852   2,7851  ,0055  ,0699  ,4045

Standardized coefficients
coeff
satisf   ,0514
confi    ,1296

***** TOTAL EFFECT MODEL *****
OUTCOME VARIABLE:
bem-est

Model Summary
R      R-sq    MSE      F      df1      df2      p
,1099   ,0121   1,5860   6,9166  1,0000  566,0000  ,0088

Model
coeff    se      t      p      LLCI      ULCI
constant 6,1720   ,3468  17,7978  ,0000  5,4908  6,8531
satisf   ,1505   ,0572   2,6299  ,0088  ,0381  ,2629

Standardized coefficients
coeff
satisf   ,1099

***** TOTAL, DIRECT, AND INDIRECT EFFECTS OF X ON Y *****

Total effect of X on Y
Effect    se      t      p      LLCI      ULCI      c_ps      c_cs
,1505   ,0572   2,6299  ,0088  ,0381  ,2629  ,1189  ,1099

Direct effect of X on Y
Effect    se      t      p      LLCI      ULCI      c'_ps      c'_cs
,0704   ,0638   1,1037  ,2702  -,0549  ,1956  ,0556  ,0514

Indirect effect(s) of X on Y:
Effect    BootSE    BootLLCI    BootULCI
confi    ,0801    ,0274    ,0285    ,1365

Partially standardized indirect effect(s) of X on Y:
Effect    BootSE    BootLLCI    BootULCI
confi    ,0633    ,0218    ,0223    ,1084

Completely standardized indirect effect(s) of X on Y:
Effect    BootSE    BootLLCI    BootULCI
confi    ,0585    ,0205    ,0206    ,1020

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS *****

Level of confidence for all confidence intervals in output:
95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:
5000

WARNING: Variables names longer than eight characters can produce incorrect output
when some variables in the data file have the same first eight characters. Shorter
variable names are recommended. By using this output, you are accepting all risk
and consequences of interpreting or reporting results that may be incorrect.

----- END MATRIX -----

```